

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

**“Uma dádiva da Bibliotheca Pública Pelotense aos
seus leitores de um palmo e meio”: a Seção Infantil
Erico Verissimo (1945-1958)**

Vivian Anghinoni Cardoso Corrêa

Pelotas, 2008

VIVIAN ANGHINONI CARDOSO CORRÊA

**“Uma dádiva da Bibliotheca Pública Pelotense aos seus
leitores de um palmo e meio”: a Seção Infantil Erico
Verissimo (1945-1958)**

Trabalho apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Pelotas como
requisito para a obtenção do título de
Mestre em Educação.

Orientador: Elomar Tambara

Pelotas, 2008

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira CRB - 10/864

C824d Correa, Vivian Anghinoni Cardoso.

Uma dádiva da Biblioteca Pública Pelotense aos
seus leitores de um palmo e meio : a Seção Infantil
Erico Verissimo (1945-1958) / Vivian Anghinoni
Cardoso Correa. – Pelotas, 2008 .
80f.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade
de Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. História da Leitura. 2. Biblioteca infantil. I.
Tambara, Elomar, orient. II. Título.

CDD 371.3

Banca examinadora:

Prof. Dr. Elomar Tambara

Profa. Dra. Cleuza Maria Sobral Dias

Profa. Dra. Eliane Peres

Profa. Dra. Giana Lange do Amaral

Dedico esse trabalho à memória da professora Gilda Nunes Pinto, pelo carinho com que me recebeu e acolheu esse trabalho e, principalmente, pelo entusiasmo ímpar com que conduziu suas ações no campo educacional, em especial na Seção Infantil da Bibliotheca Pública Pelotense.

AGRADECIMENTOS

É preciso lembrar que, embora esse texto tenha sido escrito por mim, é necessário agradecer a algumas pessoas que fizeram parte não só desse texto, mas de toda a trajetória que me levou a ele. Por isso, muito obrigada:

Primeiramente, a Deus de onde eu tirei inspiração e força para levar esse projeto até o fim.

Ao meu esposo Carlos, cujo amor é apoio, motivação e força em todos os dias da minha vida nesses últimos três anos.

Aos meus pais Francisco e Maria Dalva, pela educação que recebi e pelo incentivo a seguir até o fim nos meus objetivos. Aos meus irmãos Aliana e Marcel pelo companheirismo e amizade de uma vida inteira.

Ao professor Elomar pela orientação dada a esse trabalho.

A minha irmã Aliana e a professora Eliane Peres pelo incentivo dado a esse projeto quando ele era só uma idéia.

A professora Giana Amaral pelo apoio pessoal numa hora em que eu precisei muito.

Aos demais professores do PPGE/ FaE/ UFPel.

À Bibliotheca Pública Pelotense pelo acesso aos materiais para a pesquisa, em especial a D. Sônia pela ajuda na busca de muitas fontes preciosas pra esse trabalho.

Aos colegas e amigos pelo apoio sempre presente.

El libro es la extensión de algo más íntimo; el libro es una extensión de la memoria y la imaginación, y esto es muy importante porque qué sería de nuestra identidad personal frente al hecho de que cada uno fuese su yo, sin la memoria personal. Sin la memoria seríamos, simplemente, percepciones actuales.

Jorge Luis Borges

RESUMO

Esta dissertação faz uma análise da história da Seção Infantil Erico Verissimo da Bibliotheca Pública Pelotense entre os anos de 1945 e 1958. A Seção Infantil fundada em maio de 1946 atendeu a crianças de escolas públicas e particulares de Pelotas durante mais de 50 anos até ser desativada e transformada em espaço infanto-juvenil pela direção da Bibliotheca em 2003. O texto descreve a estruturação, fundação, funcionamento e as diversas atividades desenvolvidas pela Seção Infantil durante o período analisado.

A fundação da Seção Infantil fez parte de um processo de reestruturação e modernização da Bibliotheca Pública Pelotense que começou em 1945 envolvendo profissionalização dos bibliotecários, catalogação e atualização do acervo, melhorias no atendimento aos sócios e disponibilização do acervo. Esse processo de modernização teve ampla divulgação na imprensa local e um dos seus destaques era a fundação Seção Infantil, que seria, segundo as fontes analisadas, a primeira biblioteca infantil do Rio Grande do Sul.

Essa biblioteca tinha o objetivo de ser um centro cultural infantil oferecendo aos seus frequentadores atividades como hora do conto, cinema, teatro, arte e, também, a produção do jornal Mundo Infantil no interior da biblioteca. Essas atividades estavam embasadas em uma sólida proposta pedagógica que buscava fazer da Seção Infantil um espaço educacional que contribuísse para a formação da infância pelotense.

PALAVRAS-CHAVE: biblioteca infantil – história da leitura

ABSTRACT

The present article analyzes the history of the Infants' Section called Érico Veríssimo at the Public Library in Pelotas (Seção Infantil Erico Verissimo da Bibliotheca Pública Pelotense) between the years of 1945 to 1958. The Children's Section was founded in May of 1946 and used to be attended by children from private and public schools for more than 50 years before being closed and then transformed into a space for children and youth by the managers of the institution in 2003. The following text describes the structure, foundation, operation and the various activities carried out in the Children's Space during the period that was analyzed.

The founding of the Children's Space was part of a process of reorganization and modernization of the Pelotense Public Library which began in 1945 and caused the employees to become professional librarians, the organization and classification of books, the improvement in assisting the members and the availability of books. This process of modernization had wide publicity in the local press and one of the highlights was the creation of the Children's Space, which would be. According to the sources analyzed, the first Library for children in Rio Grande do Sul

This library had the objective to be a cultural center offering to the children a variety of activities such as short stories told by someone, cinema, plays, art, and also, the production of the newspaper "Mundo Infantil" at the library. These activities were based on a strong and solid pedagogical proposal that aimed at the development of the children in Pelotas through this special place.

KEY- WORDS: Children's Library – History of reading

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I: A cidade de Pelotas e a Biblioteca Pública Pelotense	14
1.1 “A Atenas Rio- Grandense”: alguns apontes sobre a história de Pelotas	14
1.2 A Bibliotheca Pública Pelotense e sua Seção Infantil.....	18
Capítulo II: A educação brasileira na primeira metade do século XX	25
2.1 A estruturação do sistema educacional brasileiro nas primeiras décadas do século XX	25
2.2 O ensino público no Rio Grande do Sul.....	27
2.3 A ABE e a Associação Pelotense de Educação.....	30
2.4 A leitura na escola brasileira.....	35
Capítulo III: A Seção infantil Erico Veríssimo da Biblioteca Pública Pelotense.....	43
3.1 A sua fundadora: Gilda Nunes Pinto.....	43
3.2 Estruturação e fundação da Seção Infantil Erico Verissimo.....	47
3.3 Funcionamento da Seção Infantil Erico Verissimo da Bibliotheca Pública Pelotense.....	50
3.3.1 O cinema na Seção Infantil.....	52
3.3.2 A Hora do Conto.....	55
3.3.3 O jornal Mundo Infantil.....	58
3.4 A Biblioteca: seus livros e seus leitores.....	65
3.5 O fim da Seção Infantil Erico Verissimo.....	71
Conclusão.....	73
Referências bibliográficas.....	76

Introdução

O objetivo desse trabalho é analisar a Seção Infantil Erico Verissimo da Biblioteca Pública Pelotense durante o período de 1945-1958. Essa dissertação foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE - FaE – UFPel) e vinculado ao Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE).

Investigar a Seção Infantil da Biblioteca Pública Pelotense (BPP) como representante de um determinado discurso sobre a leitura de crianças que esteve presente no meio educacional brasileiro nas primeiras décadas do século XX é a principal meta desse estudo baseado numa bibliografia que contempla a história da educação, do livro e da leitura. Além disso, a pesquisa utiliza como fontes os jornais A Opinião Pública, Diário Popular, documentos da Seção Infantil e os exemplares do jornalzinho Mundo Infantil.

A motivação para realização desse trabalho surgiu, primeiramente, da minha trajetória como leitora e freqüentadora de uma Seção Infantil. Essa biblioteca, em que passei algumas tarde da minha infância, era anexa da Biblioteca Pública Municipal Dr João Minssen da cidade de Cachoeira do Sul.

Ao construir essa pesquisa fui capaz de vislumbrar a Seção Infantil das minhas memórias na Seção Infantil da BPP: o espaço arranjado de forma a atrair as crianças, os livros ao alcance das mãos, as horas do conto com direito a fantoches, o programa de rádio semanal apresentado pelas bibliotecárias na Rádio Cachoeirense, etc. Minha trajetória como leitora permeou várias fases desse trabalho e meu envolvimento carinhoso com as bibliotecas certamente me incentivou a fazê-lo.

O progresso dessa pesquisa levou-me a descobrir que outras bibliotecas do Brasil, construídas para crianças, seguiram os mesmos moldes no que se refere ao espaço físico, organização e propostas de atividades. Anteriores a Seção Infantil da BPP como as bibliotecas escolares e infantis do Rio de Janeiro e de São Paulo fundadas nas décadas de 20 e 30 do século XX e posteriores a ela como

a biblioteca que freqüentei quando criança no fim da década de 80 e início da década de 90 do mesmo século.

Essas semelhanças e diferenças entre bibliotecas infantis e escolares em distintos lugares do Brasil certamente servem de motivação para pesquisadores da área de História de Educação. O que levou ao surgimento desses espaços direcionados aos pequenos leitores foi uma nova forma de ver a criança, o ensino, a leitura e as bibliotecas surgidas no Brasil nas primeiras décadas do século passado.

A Educação Nova, como foi chamada por seus defensores/divulgadores tinha como objetivo a reforma do ensino no Brasil e uma dessas reformas foram a renovação da leitura escolar. As bibliotecas infantis foram uma face disso já que diante de uma educação renovada era natural que se renovassem também as práticas de leitura.

O estudo das práticas de leitura é segundo Lopes e Galvão (2001) um “campo efervescente de pesquisas”. Além desse aspecto, o leitor iniciante, a criança que lê, tem merecido atenção não somente da História da Educação, mas também, no que se refere à atualidade, nos programas de incentivo e de propagação da leitura desenvolvidos junto às escolas de Ensino Fundamental pelo Governo Federal. Esses programas têm buscado prover de acervo as bibliotecas escolares, promover campanhas publicitárias que incentivem a leitura e, também, constituir o acervo pessoal dos estudantes.

Nesse sentido, desde o ano de 1997 e, o FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) desenvolve junto às escolas públicas de Ensino Fundamental o Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) que promove a renovação do acervo das bibliotecas escolares através do envio de exemplares de obras de literatura selecionadas pelo programa.

Direcionados às crianças, programas, como “Literatura em Minha Casa” desenvolvido entre os anos de 2001 e 2004 distribuiu aos alunos do Ensino Fundamental uma biblioteca particular composta de cinco títulos que contemplavam obras de literatura e informação.

É possível constatar o incentivo do governo federal à manutenção e funcionamento das bibliotecas escolares e, ainda, uma política de incentivo à leitura direcionada, prioritariamente às escolas de Ensino Fundamental.

As bibliotecas escolares e infantis ocupam também espaço no que se refere ao atual desenho da pesquisa em História da Educação no Brasil. Segundo Lopes e Galvão (2001), no que se refere aos trabalhos desenvolvidos no âmbito da história do livro e da leitura, grande parte se refere ao incentivo à leitura dentro de determinados movimentos educacionais, em especial, o movimento da Escola Nova.

Sob esse aspecto, cito os estudos de Vidal (1999, 2001, 2003 e 2004) que contemplam o ensino de leitura e escrita no Brasil, as estratégias de difusão da leitura e a organização de bibliotecas escolares e infantis no país nas décadas de 20 e 30 do século XX.

Jussara Santos Pimenta (2001) analisou em seu trabalho a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco, segundo a autora a primeira biblioteca infantil do país, em sua dissertação de mestrado intitulada *“Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem”*: Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937). Nesse trabalho a autora analisou todo o processo de criação da Biblioteca no Distrito Federal, seu funcionamento e os motivos que levaram ao seu fechamento em 1937 durante o Estado Novo.

Ainda sobre os estudos referentes às bibliotecas escolares e infantis realizados no campo da história da educação brasileira, cabe citar Azilde Andreotti (2004) e Ana Regina Pinheiro (2001) que analisaram em seus trabalhos a imprensa produzida dentro das bibliotecas infantis, respectivamente o jornal A voz da Infância da Biblioteca Infantil de São Paulo e o Nosso Esforço, da Biblioteca Caetano de Campos do Instituto de Educação.

Na pesquisa em história da educação no Rio Grande do Sul, tomando como base os anais dos quatro últimos encontros da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) vê-se que não há menção às bibliotecas infantis ou escolares no que se refere aos estudos regionais. A linha de História da Educação no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Pelotas teve, em 2005, uma dissertação que abordou as políticas de formação de leitores na rede pública municipal de Pelotas, defendida por Renata Braz Gonçalves.

Assim, a proposta desse trabalho é analisar a estruturação e funcionamento da Seção Infantil Erico Verissimo da Biblioteca Pública Pelotense e as práticas de leitura desenvolvidas nesse espaço. Nosso principal

objetivo é comprovar que a Seção Infantil exerceu durante o período analisado um importante papel no cenário educacional pelotense, funcionando como um espaço complementar às escolas locais.

Dessa forma, primeiramente serão apresentados será apresentado um breve panorama sobre a cidade de Pelotas e a Bibliotheca Pública no período analisado. A seguir um panorama da leitura e literatura infantil na escola brasileira e uma análise do movimento da Escola Nova no âmbito nacional, estadual e municipal e por fim, a estruturação da Seção Infantil e a análise das práticas desenvolvidas nesse espaço. Por fim, apresentamos as considerações finais a respeito da pesquisa.

Capítulo I: A cidade de Pelotas e a Biblioteca Pública Pelotense

Começar esse trabalho por uma breve contextualização sobre a cidade de Pelotas e a sua Biblioteca Pública é uma forma de mostrar, áqueles que não conhecem essa cidade ou a conhecem pouco, quais fatores levaram à estruturação, a partir de 1945, da Seção Infantil Erico Verissimo¹ da Biblioteca Pública Pelotense (BPP).

A Seção Infantil foi gestada dentro da BPP que, por sua vez, foi fundada em 1875 na cidade de Pelotas que, nessa época, vivia seu momento de maior desenvolvimento econômico e cultural. Assim, para que se possa chegar à devida compreensão do que foi a Seção Infantil, é necessário que se comece por sua Biblioteca e por sua cidade.

1.3 “A Atenas Rio- Grandense”: alguns apontes sobre a história de Pelotas

O berço da cidade de Pelotas, conforme Pimentel (1940, p. 17) foi a charqueada fundada por José Pinto Martins em 1780. A Freguesia de São Francisco de Paula foi fundada em 7 de julho de 1812, desde a sua fundação o povo pelotense dedicou-se ao crescimento do local, que foi elevado a Vila pelo decreto pelo Decreto de 7 de dezembro de 1832 e, posteriormente, a cidade por decisão da Assembléia Provincial em 27 de julho de 1835.

Magalhães (1993, p.65) aponta os anos de 1835-1845, como o período em que Pelotas teve seu crescimento estacionado devido à Revolução Farroupilha que se instalou no Rio Grande do Sul durante esse período.

Segundo MAGALHÃES (1993) entre os anos de 1860 e 1890 a cidade de Pelotas atingiu um patamar de desenvolvimento e progresso sem paralelo em períodos anteriores e posteriores. Esse crescimento foi possibilitado pelo comércio de charque e couro no decorrer do período. Esses produtos passam a representar, a partir de 1861, 74,9% das exportações gaúchas e para a cidade de Pelotas

¹ O nome do escritor gaúcho é grafado sem os acentos das proparoxítonas (desrespeitando as normas ortográficas) em respeito a assinatura e registro civil de Erico Verissimo. O nome da Seção Infantil também não apresentava os acentos.

detentora da maior parte da indústria saladeiril do estado, o fator econômico foi decisivo na configuração do aspecto urbano.

O desenvolvimento econômico impulsionou o progresso social, cultural e urbano. O dinheiro do charque financiou o desejo dos pelotenses de fazer de sua cidade um modelo para toda a província. A classe dos charqueadores transferiu a residência familiar das charqueadas – que se localizavam, em sua maioria, às margens do Arroio Pelotas - para o núcleo urbano que se formava, construindo sobrados de arquitetura européia e contribuindo para o traçado de ruas amplas e estruturação de um aspecto urbano moderno. Outra característica desse período de urbanização pelotense, foi o empenho dos cidadãos pela existência em Pelotas de prédios e serviços públicos fundamentais para uma cidade: cadeia civil, mercado, asilo... Esses serviços estruturaram-se na cidade devido ao empenho político e econômico de seus industrialistas.

Nesse período, não ocorreu apenas a urbanização de Pelotas, mas também o embelezamento da cidade. Houve, durante essa época, um intenso investimento em construções imponentes, como o conjunto arquitetônico da Praça Coronel Pedro Osório, a Santa Casa e a Beneficência Portuguesa. Durante os anos de 1870-1880, ocorreu também a estruturação da Praça D. Pedro II, (hoje Coronel Pedro Osório), com a importação, da França de um chafariz para preencher o “redondo” central. Além desse, mais três chafarizes são importados no ano de 1873, além da caixa d’água da Praça Piratinino de Almeida

Dentro do processo de urbanização pelotense, temos, ainda, a instalação do serviço de água e esgoto, de gás encanado e também o calçamento das ruas centrais. Esses fatos ilustram o desejo de Pelotas, no período compreendido entre 1860-1880, de fazer-se efetivamente uma cidade. Segundo Magalhães (1993) o que se configurou, em seguida, foi um período de esplendor, os cidadãos pelotenses mantiveram na cidade um espaço urbano que privilegiou o desenvolvimento de um ambiente cultural riquíssimo.

Eram comuns na Pelotas do final do século XIX os bailes e saraus suntuosos, oferecidos a visitantes ilustres (como a Princesa Isabel e o Conde d’Eu, em 1885) ou como comemoração de algum fato importante entre a aristocracia local. Nessas ocasiões, fazia-se habitual a exposição dos jovens talentos da terra à apreciação pública: exposição de artes, concertos de piano e canto, recitais poéticos... Esse cotidiano artístico era completado pelas inúmeras apresentações realizadas no

Teatro Sete de Abril, às quais compareciam em grande número os orgulhosos habitantes da “Atenas do Rio Grande”².

O grande investimento e o gosto dos pelotenses pelo ambiente urbano e cultural deram à cidade uma posição de destaque na província e também no Brasil, no que se refere à prosperidade:

Nos idos de 80, não era só para os pelotenses que Pelotas se afigurava a “Princesa dos campos do Sul” daqueles versos originais. Nesse período já chamava a atenção da Província e para a Província, identificada que estava, de um modo especial, com as artes e com as letras, num espécie de desdobramento do seu apogeu econômico-urbano. Mas não menos famosa pelos seus barões, as suas damas, os seus doces, as suas festas, os seus sobrados, os seus monumentos públicos, as suas lojas. (MAGALHÃES, 1993:106).

O ambiente urbano moderno para a época, o fluxo das riquezas do charque e a consolidação de Pelotas como importante cenário cultural do final do século XIX favoreceram a inserção da cidade em uma realidade divergente em relação ao resto do estado (excluindo dessa comparação a capital, Porto Alegre). Enquanto nas cidades da Campanha gaúcha havia o cultivo de hábitos campeiros como o chimarrão, as vestimentas típicas, o cigarro crioulo; em Pelotas os costumes europeus dominavam o comportamento coletivo.

Pimentel (1940) atribui aos cidadãos pelotenses um caráter genuinamente *pioneiro*. Segundo o autor, por exemplo, Pelotas foi a primeira cidade do Estado a apresentar iniciativas como o Primeiro Congresso Agrícola (1908) e a vacinar o gado contra diversas moléstias (1912) iniciativas condizentes com a pecuária, centro da economia do município. O autor ainda destaca iniciativas no campo da cultura e educação como a fundação da Rádio Pelotense em 1925 e a realização do primeiro censo educacional na década de 20 do século passado.

A crise do charque, entre o fim do século XIX e início do século XX foi a grande responsável pelo declínio econômico da cidade. Pesavento (1980a) aponta como a principal causa para a queda da indústria do charque a falta de mercado para a produção, já que maior parte do charque gaúcho era destinado a alimentação de escravos. Além disso, a autora aponta que a concorrência do charque platino como um outro aspecto a ser considerado para esse declínio, já que as charqueadas dos países vizinhos contavam com uma melhor estrutura e matéria prima de melhor qualidade.

Os charqueadores pelotenses com o fim da indústria que tinha alavancado o desenvolvimento local passam a condição de investidores em diversos setores locais. O

² Denominação dada à cidade de Pelotas pela imprensa da época, segundo Mario Osório Magalhães, como referência ao esplendor cultural da cidade em comparação às demais do estado.

maior exemplo disso parece ser a fundação do Banco Pelotense em 1906 (PESAVENTO, 1980), com capital local. O principal objetivo do banco era a garantia de investimentos aos charqueadores locais, uma vez que os bancos existentes direcionavam seu capital para as áreas da indústria e do comércio. Os pelotenses encontravam no banco uma forma de subsistência para a indústria do charque.

Ueda (1999) aponta que a indústria local passou a se diversificar com o declínio do charque, fazendo com que Pelotas e Rio Grande formassem no início do século XX o principal pólo industrial do Rio Grande do Sul visando, principalmente, o mercado nacional.

Segundo a mesma autora, a fundação, em 1919, da Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (CTMR), foi mais exemplo de diversificação dos investimentos e tentativa de manter o desenvolvimento econômico de Pelotas. Os objetivos da CTMR eram melhorar os serviços telefônicos locais e também resistir a investimentos cujo capital não fosse da cidade. A CTMR destacou-se durante vários anos pela excelência dos serviços prestados a população local.

No entanto, os esforços de Pelotas em manter seu poder econômico às custas de empresas locais sofreu um grande golpe em 1931, com a liquidação do Banco Pelotense. A instituição encontrava-se em crise desde 1926 devido à retirada de fundos pelos seus depositantes. Outros motivos que ocasionaram a liquidação, segundo Pesavento (1980) foi o investimento pesado do Banco em negócios imobiliários que não garantiam liquidez instantânea e a rápida expansão, com a fundação de agências em várias cidades no Rio Grande do Sul e fora dele. Outro aspecto a ser considerado é a crise econômica de 1929 que tornou os investidores apreensivos causando grandes retiradas monetárias que prejudicaram o capital do Banco. A autora aponta que a liquidação do Banco Pelotense trouxe estagnação econômica para várias cidades que centravam sua economia nessa instituição financeira, entre essas cidades, a grande prejudicada foi Pelotas.

Apesar disso, os esforços pelotenses em manter o desenvolvimento ganham vulto em 1938 com o início da construção do Palácio do Comércio, sede da Associação Comercial Pelotense que seria inaugurado em grandiosa cerimônia em 1942. A Associação Comercial passa a concentrar, nesse período, grande parte das

iniciativas que buscavam a retomada do crescimento econômico da cidade de Pelotas.

1.4 A Bibliotheca Pública Pelotense e sua Seção Infantil

O movimento em prol da criação de uma biblioteca em Pelotas começou nos primeiros dias de 1875, por iniciativa dos cidadãos pelotenses, principalmente de Antonio Joaquim Dias, proprietário do Correio Mercantil (que começou a circular no mesmo ano). O jornal Correio Mercantil foi o espaço utilizado para divulgação das intenções de fundar uma biblioteca.

A fundação da Bibliotheca tem ligação com a época de prosperidade vivida pela cidade no final do século XIX, já que foram os cidadãos que financiaram o empreendimento. Nesse sentido, Gomes (1983 p. 14) afirma que:

as bibliotecas florescem geralmente em sociedades em que prevalece a prosperidade econômica, em que a população é estável e instruída [...] Estas conclusões demonstram a estreita relação que há entre biblioteca e evolução sócio-cultural. Dependendo da forma como se estrutura a sociedade, as variáveis apresentadas atuam em maior ou menor grau de intensidade. Torna-se também evidente o caráter elitista que predomina na história da biblioteca como agência social, não só a nível de sociedade como a nível de indivíduos.

Dessa forma, fundação da Bibliotheca Pública Pelotense se configura também como uma demonstração de poder econômico da elite local. Segundo Peres (1995) os jornais da época enfatizavam a necessidade de Pelotas possuir uma biblioteca, já que, segundo Lajolo & Zilberman (1996), cidades gaúchas como Porto Alegre e Rio Grande (esta última possuía um gabinete de leitura, transformado em biblioteca pública em 1878) já contavam com espaços dedicados à leitura, além de sociedades literárias. Os jornalistas da época argumentavam que a cidade de Pelotas, caracterizada pelo progresso econômico e cultural, tinha a real necessidade de possuir um espaço para leitura.

O ano de 1875 foi marcado pela discussão em torno da necessidade de criação da biblioteca, sendo que as páginas do Correio Mercantil apresentaram discussões, apelos ao poder público e discursos inflamados sobre essa necessidade. Apesar da insistência de Antonio Joaquim Dias, através do Correio Mercantil, enfatizando que era responsabilidade do poder público a instrução do povo e, conseqüentemente, a criação de uma biblioteca, não houve iniciativa por parte da Câmara Municipal, tampouco da Assembléia Provincial.

Diante dessa situação, a imprensa mudou de estratégia, conclamando a sociedade a participar da fundação da biblioteca:

(...) e assim em meados de outubro o teor da notícias mudou. Tanto o jornal Correio Mercantil como o Jornal do Comércio começaram a estimular a idéia de fundar uma Bibliotheca Pública, nesse momento não mais

apelando aos poderes públicos, como fizeram ao longo do ano, mas estimulando a iniciativa privada para que concretizasse a idéia. *A mocidade, vinculada pela união, é forte, cumpre-lhe pois meter ombros ao grande comedimento*, escreveu o Jornal do Comércio em 09/11/1875. (PERES, 1995:82)

Assim, a Biblioteca Pública Pelotense (BPP) é fundada, pelo empenho dos cidadãos de Pelotas, em 14 de novembro de 1875, em reunião realizada na sociedade *Terpsychore*, com a participação de 45 pessoas. A iniciativa do grupo foi comemorada e elogiada pelos jornais pelotenses e, segundo Peres (1995), também pela imprensa da capital, que ressaltou o esforço dos habitantes da cidade que obtinham as melhorias e progressos para Pelotas à custa do seu esforço.

Após a fundação da BPP, uma parcela da sociedade pelotense, em particular sua aristocracia, empenhou-se em promover eventos e campanhas em prol da instalação da Biblioteca:

(...) é surpreendente como a concretização da Biblioteca tomou vulto logo após a primeira reunião do dia 14/11/1875. Doações de livros – 299 só no dia da primeira reunião –, de materiais, de dinheiro, do salão onde iria funcionar a provisoriamente a Biblioteca – andar térreo da casa de João Simões Lopes, o Barão da Graça, cedido gratuitamente por tempo indeterminado – forma registradas. Em favor da BPP realizaram-se espetáculos musicais, quermesses e até um concorrido espetáculo de circo. (...) O espetáculo circense rendeu à Biblioteca o valor de oitocentos e quarenta e oito mil e quinhentos réis e foi, sem dúvida, a atividade que mais ganhou destaque na imprensa, talvez pelo seu caráter festivo. (PERES, 1995:84-85)

A partir de janeiro de 1876, iniciou-se no Correio Mercantil uma campanha de doação de livros para a instalação da BPP. Segue o anúncio publicado primeiramente em 27 de janeiro de 1876:

BIBLIOTHECA PÚBLICA

De ordem da directoria provisoria rogo ás pessoas que contribuam com livros para este estabelecimento, bem como áquelas que queiram concorrer, no mesmo sentido, o obsequio de os mandar entregar desde já no edificio da mesma Bibliotheca, rua da Igreja esquina da General Neto (onde esteve o Hotel Universo), ou em casa do bibliothecario, em frente á praça do Commercio n. 88, afim de, quanto antes, proceder-se à instalação dessa sociedade.

Carlos Pinto, secretario. (Correio Mercantil, 27/01/1876)

Como resposta a esse anúncio, a BPP recebeu, entre 28 de janeiro e 21 de setembro de 1876, 1620 doações de livros. Essa iniciativa possibilitou, ao que parece, a instalação da Biblioteca Pública em 5 de março de 1876. A inauguração foi acompanhada de festa e foi amplamente divulgada pelo Correio Mercantil de 7 de março:

[...] Ante-hontem, como estava determinado, teve lugar a instalação da Bibliotheca Pública Pelotense. O amplo salão, modesta, mas elegantemente ornado, achava-se repleto de povo, sendo distinctamente representadas as classes laboriosas do commercio e das artes, e notando-se tambem algumas illustres familias.

Da parte de fóra, havia immensa multidão e as duas bandas de música Lyra Pelotense e Santa Cecilia, faltando a União, por enfermidade de seu professor, que generosamente e com o mais louvavel cavalheirismo se prestaram a tomar parte n'aquella imponente solennidade. [...]

Após a inauguração, o Correio Mercantil seguiu, durante todo o ano de 1876, como porta-voz de todas as atividades realizadas na Biblioteca Pública. Através do jornal divulgaram-se horário de funcionamento, reuniões de diretoria, número de sócios, doações e aquisições de acervo.

Assim sendo, pode-se afirmar que houve o envolvimento de uma parcela da sociedade pelotense na fundação e instalação da Biblioteca Pública e, posteriormente, nas iniciativas, através da imprensa e da promoção de diversos eventos³, de consolidar a Biblioteca como espaço de leitura de um maior número possível de pelotenses. A BPP passou a funcionar em prédio próprio em 1881, no entorno da atual Praça Coronel Pedro Osório. Em 1915 é inaugurado o salão nobre e o segundo piso do edifício.

A Bibliotheca Pública foi, a partir desse período, não só um espaço de leitura, mas também uma espécie de centro cultural para a população da cidade. Há indícios de que a BPP cedia seu espaço para a realização de saraus, exposições literárias, exposições artísticas, reuniões e atividades de ensino.

O declínio do poderio econômico da cidade de Pelotas pode ser relacionado à crise na Bibliotheca. Segundo as memórias da professora Gilda a BPP nas primeiras décadas do século XX não cumpria suas funções de biblioteca. O espaço contava apenas com um funcionário que abria o prédio e possibilitava o acesso à sala de leitura. O acervo e vários espaços da Bibliotheca estavam desativados por falta de pessoas para o trabalho e mais uma vez a união de esforços possibilitou a recuperação do caráter cultural da instituição. O principal objetivo dessa

revitalização era a modernização dos serviços oferecidos pela BPP. Essa modernização levou a instalação da Seção Infantil a partir de 1945.

Outro aspecto a ser considerado na instalação da Seção Infantil da Biblioteca Pública foi a modernização e profissionalização dos serviços da BPP. Paralelamente à nova proposta de leitura dos pedagogos escolanovistas, é possível afirmar que, de uma forma geral, a leitura sofreu intensa modificação no início do século XX e, acompanhando as bibliotecas também se modificaram. O início do século XX foi marcado, segundo Vidal (2004) e Chartier & Hébrard (1995) por uma profissionalização dos bibliotecários.

³ Há registros, durante o ano de 1876, de concursos, exposições, recitais e bailes promovidos em prol da Biblioteca Pública. Eventos que, segundo o Correio Mercantil, atraíam um grande número de participantes.

No Brasil, em 1911 foi criado o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional⁴, em 1929 os do Instituto Mackenzie e, em seguida, cursos da mesma espécie vinculados a bibliotecas, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo.

Até esse momento, a organização e funcionamento das bibliotecas ficavam a cargo de leigos, pessoas que, perante a sociedade, gostavam de livros: escritores ou poetas. A maneira de conceber o bibliotecário e também de organizar as bibliotecas sofreu modificações no período que abrange as décadas de 20,30 e 40 do século XX. A profissionalização e o preparo técnico passaram a ser necessários para aqueles que trabalhavam nas bibliotecas. Os bibliotecários organizaram-se em associações e conselhos e o diploma no curso de Biblioteconomia passou a ser imprescindível, na visão dos bibliotecários, para o exercício da profissão.

A Seção Infantil, fundada em 11 de maio de 1946 fez parte do projeto de reestruturação e profissionalização da Biblioteca Pública, iniciado, segundo os dados disponíveis até o momento, em 1945. É sabido que a Bibliotheca Pública foi (e ainda é) uma das principais instituições culturais pelotenses. Desde sua fundação em 1875, a BPP foi, além de um espaço de leitura, um espaço cultural como é possível comprovar pela realização de exposições, saraus, bailes, entre outros; e, também, um espaço para a educação formal, através dos cursos noturnos de instrução primária que funcionaram de 1875 até a década de 40 do século XX.

Por um período relativamente longo, na mesma década de 40, segundo as memórias da Sra. Gilda Nunes, a Bibliotheca Pública esteve parcialmente desativada, estando aberto ao público, na parte da manhã, somente o espaço destinado à leitura de jornais, já que a BPP dispunha, no período, de apenas um

funcionário. Nessa época, no ano de 1945, a professora Gilda Barcelos Nunes, foi convidada pelo Dr. Guilherme Echenique Filho, presidente da BPP, para participar de um projeto de modernização da Biblioteca. Segundo as suas memórias:

Sempre gostei, e estava interessadíssima em trazer para cá uma coisa boa, porque os que andavam na Biblioteca, Salis Goulart, Fernando Osório, todos esses que escreviam, mas eles, às vezes, levavam livros para casa e se esqueciam. A gente tinha que organizar, mas com muito cuidado, porque eram pessoas importantes e, felizmente, fiquei muito amiga deles que aliás, já conhecia. Fernando Osório, eu era muito amiga da filha, a Mimi, fui professora do filho dele mais moço e, de maneira que eu tinha entrada.

E aí, então, a prefeitura me deu seis professoras, todas elas eu conhecia muito que eu tinha sido professora na escola que hoje é Assis Brasil, então, começamos a trabalhar. E foi um trabalho maravilhoso porque todas eram daqui e estavam interessadas em fazer uma coisa boa. Primeiro tivemos que arrecadar os

⁴ Esse curso foi extinto em 1922 e, posteriormente, implantado em 1931.

livros, com muito jeito, que tinham sido emprestados por eles mesmos e alguns não tinham sido devolvidos. Muitos já estavam lá. Nós tivemos que fazer a organização toda da Biblioteca, e fizemos. Olha muita coisa, faz tanto tempo, eu não lembro... (Entrevista I)

A Srta. Gilda, professora da Escola Cassiano do Nascimento, formada na segunda turma da Escola Complementar, onde teve ativa participação no Clube Literário, também atuava na organização e apresentação de um programa infantil dominical na Rádio Pelotense. Após o convite, a Profa. Gilda foi enviada ao Rio de Janeiro, juntamente com o Prof. Humberto Camarim e a Profa. Cely Farias que também atuariam como bibliotecários na BPP. Na capital federal, freqüentaram aulas e realizaram estágios no Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Nesse curso, a Profa. Gilda conquistou o primeiro lugar entre estudantes de vários estados brasileiros (Opinião Pública, 05/01/1946).

Já em Pelotas, para a reestruturação da BPP, o prefeito Dr. Sílvio da Cunha Echenique, cede seis professoras primárias para integrarem o quadro de pessoal da Instituição: Sueli Badia Carvalho, Sand Siqueira, Neli Amaral Lamas, Elisa Alves da Fonseca, Ivonice da Silva Otero e Gilda Fagundes Echenique. Uma série de reformulações toma conta da Biblioteca Pública, noticiadas regularmente pelos jornais: impressões gerais sobre o curso de biblioteconomia (Diário Popular, 05/01/1946), elevação do número de sócios de 400 para 1328 (A Opinião Pública, 24/01/1946), doação de livros (A Opinião Pública, 31/01/1946), entre outras notas e também artigos publicados quase que diariamente pela imprensa local.

A modernização do espaço tem destaque na imprensa local e a Bibliotheca retoma o seu lugar de destaque no cenário cultural pelotense. Uma das aspirações da bibliotecária Gilda era que a BPP atendesse o maior número possível de pelotenses e sustentasse o seu funcionamento. Durante a sua gestão as campanhas para que aumentasse o número de sócios são noticiadas pelos jornais locais, além de vários comentários positivos felicitando a diretoria da BPP pela modernização:

Através do esforço e da dedicação de sua diretoria, transformou-se pouco a pouco a nossa Casa do Livro no modelar estabelecimento que atualmente é sem dúvida, o melhor do Rio Grande do Sul em matéria de organização do acervo e facilidades ao leitor (A Opinião Pública, 14/11/1947).

Os investimentos e esforço empreendidos no sentido de reestruturar a Bibliotheca podem ser tomados como uma expressão da necessidade de retomar o crescimento de Pelotas empreendida nas décadas de 30 e 40 do século XX. O destaque alcançado por uma

das instituições que, de certa forma, representava um símbolo do apogeu econômico da cidade enchia de orgulho a população local, conforme pode ser comprovado nos comentários vinculados pela imprensa local destacando a modernização da BPP (Diário Popular, 14/05/1948), o destaque que a instituição recebia no cenário estadual (A Opinião Pública, 17/02/1947) e também, a aprovação na Câmara Federal de uma verba anual de auxílio destinada aos projetos da Bibliotheca, pleiteada pelo deputado Pedro Vergara (A Opinião Pública, 22/10/1947).

Cabe destacar que um dos principais focos das ações de modernização da Bibliotheca foi a Seção Infantil. Fundada como “um símbolo da modernidade educacional (A Opinião Pública, 14/05/1946)” o funcionamento e as atividades do espaço infantil conquistaram destaque na imprensa local.

É possível atribuir os esforços na constituição e consolidação da Seção Infantil e de outras iniciativas em prol da infância empreendidas pelos pelotenses e noticiadas pela imprensa local⁵ como uma forma de investir na infância objetivando o futuro da cidade. Essa afirmação pode, de certa forma, ser comprovada nos discursos de inauguração da Seção Infantil:

Para estas [referindo-se às crianças] é que vamos dedicar a Secção Infantil e esperamos que encontrem nos livros que oferecemos os primórdios de uma educação sólida, na qual repousa, em grande parte, a prosperidade e a grandeza de nossa cidade e da Nação(discurso de Guilherme Echenique Filho, presidente da BPP – A Opinião Pública, 14/05/1946).

Esses esforços em prover a infância pelotense de uma melhor educação através da Bibliotheca aparecem também na fundação da Seção Didática (A Opinião Pública, 07/08/1948) com o objetivo de “suavizar a situação dos escolares da

cidade”, a Seção Didática contava com volumes de várias disciplinas, adquiridos em São Paulo e com o auxílio de uma professora para a realização de tarefas escolares. A Seção Didática era uma iniciativa da Bibliotheca Pública no sentido de melhorar o acesso dos estudantes a materiais de consulta para os trabalhos escolares, já que as bibliotecas das escolas não dispunham de obras modernas e com a qualidade que a BPP disponibilizava.

Dessa forma, parece possível afirmar que a instalação da Seção Infantil Erico Verissimo representou o esforço em garantir a educação da infância, visto nesse trabalho como uma forma de investimento no futuro da cidade.

⁵ Entre essas iniciativas, podemos citar as conferências sobre o cinema educativo (A Opinião Pública, 19/11/1947), as reportagens sobre nutrição infantil (Diário Popular, 14, 16 e 18 de junho de 1947), Nocivos efeitos da má-literatura infantil (Diário Popular, 30/11/1948) entre outros.

No entanto, não só o empenho em recuperar o crescimento de Pelotas esteve presente no conjunto dos fatos que deu origem à Seção Infantil Erico Verissimo da BPP. Cabe destacar que a renovação da escola primária brasileira realizada nas primeiras décadas do século XX, exerceu uma determinada influência na fundação do espaço infantil da BPP. Essa influência constata-se, principalmente, pela forma de organização e também pelas atividades propostas aos freqüentadores, que tinham muito em comum com as bibliotecas escolares do centro do país, conforme será tratado no próximo capítulo.

Capítulo II: A educação brasileira na primeira metade do século XX

2.1 A estruturação do sistema educacional brasileiro nas primeiras décadas do século XX

O processo de remodelação pelo qual passou a escola brasileira no início do século XX modificou, sob vários aspectos a educação primária brasileira e, um desses aspectos, foi a leitura. O “entusiasmo pela educação” nas décadas de 20 e 30 do século XX afetou grandemente a sociedade brasileira, na forma de organização do espaço escolar e também na própria forma de funcionamento da escola.

Cabe acrescentar que este movimento de renovação educacional e as modificações resultantes dele nas escolas brasileiras, conforme Nagle (2001 p.252) *denunciam a infiltração sistemática do ideário da Escola Nova* no país. Esse ideário surgido na Europa no final do século XIX e propagado das mais diversas formas para várias partes do mundo atribuía à educação a função de melhorar a sociedade e, para isso a ela deveria ser pautada sobre bases científicas que levassem a escola a desenvolver o potencial de cada aluno, preparando-o para ocupar seu espaço na sociedade. A Escola Nova, portanto, propunha uma nova educação com bases científicas bem definidas e centrada no aluno, resignificando, dessa forma, várias práticas da escola tradicional.

No Brasil as idéias da Escola Nova tiveram influência direta nas reformas da instrução pública realizadas ao longo das primeiras décadas do século XX. As reformas empreendidas em vários estados brasileiros durante as décadas de 20 e 30, influenciadas pelos ideais escolanovistas, propunham uma mudança profunda nas instituições escolares brasileiras: uma nova escola em oposição àquela considerada tradicional. Segundo Nagle (2001):

O esforço para reformar a instrução pública, portanto, se processa juntamente com o esforço para proceder à remodelação. Propõe-se o quadro da nova concepção de infância, quando se ressalta a importância das características do desenvolvimento “natural” do educando e, como consequência, todo o esforço se faz para alterar o papel do educador, a natureza do currículo, a noção da aprendizagem, os métodos e técnicas de ensinar-aprender; enfim, procura-se reconstruir todo o aspecto interno das instituições escolares. (NAGLE, 2001 p.245)

A atuação dos educadores escolanovistas no processo de renovação da educação brasileira não se restringiu às reformas da instrução pública realizadas em vários estados brasileiros⁶ em 1924 ocorreu no Rio de Janeiro a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE), órgão que reunia diversos intelectuais interessados no papel da educação na sociedade (CARVALHO, 1998). A principal função da ABE era difundir nacionalmente os ideais da renovação educacional, de acordo com Cardoso e Peres (2005: 54) *a melhor maneira para a disseminação nacional da necessidade de educação para todos, segundo a visão dos idealizadores da ABE, era a criação de departamentos estaduais da Associação Brasileira de Educação*. O empreendimento da ABE buscava disseminar as informações sobre a situação educacional brasileira e, ainda, efetivar a instalação de seções da ABE em outras partes do país.

Esse período é definido por Nagle (2001:131) primeiramente como de *entusiasmo pela educação*, que atribuía à educação a solução dos problemas nacionais. e, em seguida de *otimismo pedagógico* no qual persiste a crença na educação, mas não em qualquer educação. Nesse período o autor aponta para a insistência em uma nova pedagogia que seria o meio para formar o novo homem, novo trabalhador.

Houve o aumento do número de instituições escolares e, conseqüentemente, do acesso à escola, que era visto como a forma de alcançar o progresso e equiparar o Brasil às grandes nações mundiais. Além da expansão do sistema escolar, o progresso pedagógico exigia também, uma reformulação da escola, uma escola nova, capaz de atender às necessidades das crianças brasileiras e constituir assim, uma nova sociedade.

As estratégias de difusão da escolarização passaram, principalmente, pela escola primária “nível essencial do sistema escolar, que proporciona a aquisição dos direitos políticos (Nagle, 2001 p.137)”. No entanto, a função da escola primária não era somente a alfabetização, fazia-se necessária uma educação primária integral e, para isso, a escola deveria ser diferente. Assim, a educação deveria estar centrada na criança e ser realizada com base em critérios científicos a fim de desenvolver em cada aluno o seu potencial.

⁶ Como exemplo, a reforma Anísio Teixeira na Bahia em 1925 e no Rio de Janeiro (então Distrito Federal) em 1931-1935, ainda nesse sentido: Reforma Francisco Campos em Minas Gerais, 1927; Reforma Sampaio Dória em São Paulo, 1920;

As discussões sobre educação reuniram diversos intelectuais do campo educacional em prol da reorganização e renovação da educação brasileira, deu-se, em 1932, a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Esse documento contou com a assinatura de vários intelectuais e educadores brasileiros entre os quais Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Cecília Meireles, Júlio de Mendonça Lima, Roquete Pinto entre outros.

De acordo com Xavier (2002 p.41) o Manifesto representou “a síntese de todas as idéias e iniciativas renovadoras no campo educacional”, sintetizando dessa forma, o ideário que conduziu as reformas realizadas na educação brasileira durante a década de 20. A mesma autora aponta, ainda, o Manifesto como definidor do papel da educação como agente modificador da sociedade identificando na sociedade brasileira um processo de secularização e racionalização, a educação sobre o ponto de vista dos signatários do manifesto, deveria acompanhar o desenvolvimento social:

De acordo com o Manifesto, a aplicação do conhecimento científico aos estudos pedagógicos, ao planejamento educacional e à administração do ensino escolar apresenta-se, portanto, como a expressão intelectual da progressiva onda de secularização e racionalização da cultura e como condição essencial para a constituição da sociedade moderna.

(...) a modernização da sociedade depende de uma mudança de mentalidade que só poderia ser desencadeada por meio da renovação educacional. (XAVIER, 2002 p.57)

O Manifesto também salientava a necessidade do respeito à individualidade na escola. As instituições educacionais deveriam, através dos seus professores, desenvolver o potencial de cada aluno, observar suas aptidões naturais e trabalhá-las no processo educativo. O Manifesto apontava, portanto, as diretrizes do movimento de renovação educacional que deveria ser constituído no Brasil. Dessa forma, conforme Araújo (2004 p.143) “O *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, como dispositivo de síntese histórica do Movimento Renovador Educacional no Brasil, referenciou, no decorrer do século XX, um sem-número de projetos de educação pública.”.

2.2 O ensino público no Rio Grande do Sul

Para o caso do Rio Grande do Sul, conforme Peres (2000, p.128) as reformas educacionais que foram realizadas nas décadas de 20 e 30 em alguns estados brasileiros influenciaram, de certa maneira, a partir da década de 30, algumas ações

desenvolvidas no âmbito da educação Pública no estado. Contudo, não se pode falar em uma grande reforma, no que se refere ao Rio Grande do Sul, mas sim de várias estratégias que definem esse período como de difusão do ensino renovado no âmbito da escola pública.

Ainda como expressão da renovação pedagógica no Estado a autora coloca a fundação e as ações do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional - CPOE – em 1943 e que atuou até os anos 70 - a função do CPOE era pôr sobre bases científicas a educação primária gaúcha, pautando-a nos princípios da Pedagogia Experimental, da Psicologia, da Biologia, da Sociologia e da Estatística. O CPOE, segundo a mesma autora foi:

um espaço de divulgação dos fundamentos da Escola Renovada. A implantação de métodos ativos, a centralidade da criança no processo de aprendizagem, a escola como espaço de exercício da criatividade, o desenvolvimento da autodisciplina, da liberdade individual, do espírito criador, da consciência moral dos educandos foram alguns dos princípios defendidos pelo centro. Compreensão da realidade, desenvolvimento do espírito crítico e criador, desenvolvimento mental e moral eram colocados em destaque na formação dos alunos, considerando especialmente a necessidade de acompanhar o processo da “civilização em mudança” e os desafios da vida em uma sociedade democrática (PERES, 2004 p.302)

As funções do CPOE incluíam a formação e qualificação do professorado gaúcho, a fiscalização do rendimento escolar e a orientação pedagógica às escolas. Nesse sentido, a proposta do centro:

deveria se efetivar através de cursos e reuniões, de visitas às unidades escolares, de ensaios pedagógicos, de consultas de ordem técnica, da elaboração de programas, de planos, de comunicados, de circulares e de instruções, através da manutenção de uma Biblioteca Central de obras pedagógicas e escolares, da organização do conteúdo pedagógico do Boletim de Educação da SEC, da indicação de livros didáticos e de obras para as bibliotecas dos professores e dos alunos. (PERES, 2000, p.135)

Primeiramente, no que se refere a formação e renovação do professorado gaúcho, a inserção do CPOE foi bastante ampla. Os técnicos educacionais do Centro tiveram forte atuação junto às escolas normais e, ainda, no sentido de qualificar as professoras que já atuavam na rede muitos cursos foram realizados com o objetivo de “‘elevar’ o nível cultural e atualizar a cultura geral e pedagógica dos professores gaúchos (Boletim do CPOE, 1950-51, p. 80; Boletim do CPOE, 1954-55, p. 49 apud PERES, 2000 p. 138)”.

O CPOE também foi um órgão de divulgação dos princípios da educação renovada, no sentido em que promoveu a difusão dos métodos ativos, passou a

considerar a criança como centro do processo educativo, procurou fazer da escola um espaço onde se desenvolvesse a criatividade, e a autodisciplina, a liberdade individual e a consciência moral nos educandos.

Dessa forma, as ações do CPOE influíram na escola primária gaúcha em sua totalidade: desde a formação de professores à atuação desses nas escolas, supervisionando e orientando todas as etapas do processo ensino-aprendizagem desenvolvido nas escolas gaúchas. Essas estratégias trouxeram para as instituições educacionais do Rio Grande do Sul muitas das inovações já experimentadas em outras partes do país e imprimiram no ensino um caráter científico e criteriosamente planejado, no que se refere às ações do CPOE, com o intuito de embasar o ensino nas escolas gaúchas nas orientações e princípios da Educação Renovada.

No que se refere ao ensino da leitura e da escrita na escola primária gaúcha a autora (PERES, 2003 p.76) aponta como ponto marcante no ensino da linguagem no Rio Grande do Sul o *Programa mínimo a ser adotado nas escolas primárias do Estado* determinado pelo decreto 8020 de 29/11/1939. O *Programa* estabelecia precisamente o que deveria ser ensinado nas escolas, indicando, para cada disciplina (*Linguagem, Matemática, Estudos Sociais, Estudos Naturais, Desenho e Artes Aplicada, Música*) os objetivos gerais, específicos, o conteúdo mínimo essencial e a normativa.

A disciplina de Linguagem contemplava a Leitura, a Escrita, a Ortografia, a Gramática, a Caligrafia, a Literatura e a Composição. Ao tratar da leitura, a autora aponta como objetivos do Programa de 1939 (PERES, 2003 p.80-81) desenvolver o gosto pela leitura como atividade, além de escolar, também recreativa; a apreciação da literatura; a capacidade de escolher suas leituras; ler bem; ter desejo de ler e amor à leitura e aos livros.

A leitura, inserida nos princípios da Escola Renovada, adquiriu diferentes maneiras de realizar-se na escola, entre elas “atividades e situações como a *Hora da História, a Hora da Poesia, a leitura dialogada, a leitura dramatizada, a leitura em coro, o Clube de Leitura*; e novos propósitos foram atribuídos ao ato de ler: recreativos, informativos e formativos (PERES, 2003, p 81).

Ainda no que se refere à divulgação do movimento escolanovista no Rio Grande do Sul, Bastos (2005, p.25) coloca a importância da Revista do Ensino. Essa publicação, direcionada ao magistério gaúcho, foi publicada de 1939 a 1942, em sua primeira fase, de 1951 a 1978, na segunda fase e, posteriormente, uma terceira fase de 1989 a 1992.

A autora, ao analisar a primeira fase dessa publicação, coloca que a Revista divulgou várias ações do movimento educacional, entre elas as que se referiam à leitura e às bibliotecas escolares que recebiam “cuidadosa atenção das autoridades educacionais à normatização e à padronização dessa atividade (BASTOS, 2005, p.215)”.

Além das bibliotecas, os editoriais da Revista do Ensino incentivavam a formação de clubes de leituras nas escolas, museus escolares, círculos de pais e mestres entre outros.

É importante salientar também que a Revista do Ensino também publicava artigos direcionados ao preparo técnico e intelectual do professor, abrangendo as várias disciplinas do ensino. Segundo Bastos (2005 p.240) “esse conjunto de artigos estava principalmente voltado para a exposição das mudanças que se processavam na escola com o movimento escolanovista.”

Dessa forma, parece possível caracterizar o primeiro período de publicação da Revista do Ensino e as ações do CPOE como as principais referências da difusão do pensamento escolanovista para o caso do Rio Grande do Sul.

2.3 A ABE e a Associação Pelotense de Educação

Fazer referência ao cenário educacional brasileiro da primeira metade do século XX é necessariamente considerar as influências trazidas pelos ideais do movimento da Escola Nova. De acordo com alguns dos estudos a respeito desse movimento e suas manifestações em nosso país⁷, esse período ficou marcado pela realização de campanhas em defesa da importância da educação, pela união de intelectuais em associações e clubes que tinham como objetivo maior a defesa das causas educacionais e pelas realizações dos governos estaduais e municipais em direção da expansão e modernização do ensino público brasileiro, de acordo com as idéias propagandeados pelos escolanovistas do mundo todo.

Ainda segundo esses estudos, foram esses ideais de universalização e modernização do ensino que orientaram intelectuais brasileiros nas primeiras iniciativas no sentido de reformar a escola pública brasileira, adequando os sistemas

⁷ Nesse sentido, cabe analisar Carvalho (2003) no qual analisa as reformas da Instrução Pública e, ainda sob o mesmo assunto Nagle (2001).

de ensino no país às mais modernas tendências importadas da Europa e dos Estados Unidos. Entre essas iniciativas figuram as reformas da instrução pública realizadas nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal no decorrer das décadas de 1920 e 1930.

Foi nesse momento de discussões, proposições e realizações, em que a crença na escola e na sua capacidade de transformação da realidade brasileira, sobretudo pela transformação do homem brasileiro, que, no ano de 1924, foi criada, no Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Educação. Segundo Marta Carvalho (1998), a fundação dessa Associação resultou da união de intelectuais que compartilhavam de algumas concepções em relação às novas funções da educação em uma sociedade moderna. Um dos principais intuítos desse grupo de intelectuais era discutir as possibilidades de organização de uma *Federação de Associações de Ensino* que vinculasse os educadores (e demais envolvidos com questões educacionais) de todo país em torno de um grande movimento nacional em prol da questão educacional.

Ainda de acordo com os estudos dessa mesma autora, a atuação dessa Associação foi significativa na promoção de campanhas e no apoio às ações que promovessem a expansão e modernização da educação brasileira. No entanto, no que se refere ao objetivo de expandir a Associação, criando pelo menos um departamento em cada estado brasileiro, o sucesso dos idealizadores da ABE não foi o mesmo. Apesar do esforço do presidente da Associação em 1925, Levi Carneiro, pioneiro nas tentativas de dar ao movimento de reforma educacional um alcance nacional, e das campanhas realizadas em diversos estados brasileiros, no sentido de promover os propósitos da Associação, a idéia de uma *Federação de Associações de Ensino* não se efetivou.

Embora não tenha atingido seu principal objetivo, a campanha de nacionalização da ABE empreendida por seu presidente Levi Carneiro no sentido de promover a fundação de associações de ensino contabilizou pelo menos um resultado positivo. Segundo os estudos de Cardoso e Peres, desenvolvidos no âmbito da pesquisa *O Movimento da Escola Nova e seus desdobramentos na região Sul do Rio Grande do Sul*, a Seção Pelotense da Associação Brasileira de Educação, fundada em Pelotas em 24 de outubro de 1926, foi resultado da campanha de nacionalização empreendida por Levi Carneiro, aclamado

posteriormente como sócio honorário da Associação Pelotense de Educação, como ficou conhecida essa Seção.

A crença de que a sociedade poderia ser reformada através da educação foi o elemento propulsor das propostas da Associação Pelotense de Educação desenvolvidas no âmbito educacional. Nesse sentido, Cardoso e Peres (2005, p.57) apontam que:

Uma das ambições da Seção Pelotense da Associação Brasileira de Educação, conforme o discurso produzido por seus integrantes, era ampliar a oferta de ensino e garantir que a educação oferecida na cidade de Pelotas, em todos os níveis, tivesse qualidade e pudesse resolver os problemas da sociedade local. Assim, também a exemplo daqueles que estiveram a frente da ABE, a crença de que a educação era o caminho para uma sociedade melhor também esteve fortemente presente entre os intelectuais pelotenses que criaram a *Associação Pelotense de Educação*, sendo mesmo a razão de sua criação e existência.

Para efetivação de sua proposta, logo após a sua fundação, a Associação Pelotense começou o planejamento das ações que empreenderia junto à sociedade pelotense. Dentre os projetos constavam os seguintes: a realização de pesquisas que permitissem averiguar a situação dos estabelecimentos educacionais da cidade, bem como dos alunos e professores; a organização de espaços como bibliotecas infantis e pedagógicas; o incentivo a atividades que promovessem o acesso à leitura e a produção de materiais didáticos; a promoção de campanhas de incentivo à educação popular, em especial à educação de jovens e adultos; a cooperação com iniciativas de educação física (orientando a população quanto a importância de uma boa alimentação, da prevenção de doenças e da preocupação com a higiene, promovendo de exames de saúde obrigatórios para o ingresso no ensino público), moral (censurando filmes, indicando os livros mais adequados às crianças, proibindo a entrada de menores em casas de jogos e estabelecimentos do gênero) e cívica (adotando o escotismo nas escolas elementares, e promovendo intensas comemoração às datas cívicas), entre outras. (CARDOSO e PERES, 2004, p 5).

A atuação da Associação Pelotense de Educação no cenário educacional pelotense na segunda metade da década de 1920 e no início da década de 1930, de acordo com os estudos realizados por Cardoso e Peres, foi intensa. Estiveram entre as realizações da Associação nesse período: a promoção da campanha para

utilização do cinema como agente educativo⁸; a realização do concurso para escolha do melhor livro didático escrito por um autor local⁹, as ações junto às autoridades para a proibição do acesso dos menores de 21 anos aos espetáculos e ambientes considerados impróprios; a divulgação e participação na 1ª Conferência Nacional de Educação, na qual a seção pelotense foi representada por Fernando Luís Osório, redator e defensor da tese – “*A Unidade Nacional: a) pela cultura literária; b) pela cultura cívica; c) pela cultura moral*”¹⁰; a organização e realização de uma Exposição de Trabalhos Manuais e Livros didáticos, evento de repercussão intermunicipal que recebeu livrarias e visitantes vindos da capital do estado, além da participação em peso das escolas do município; a realização, em parceria com o governo municipal, do censo escolar; a realização de palestras e semanas da educação, etc.

A Associação Pelotense de Educação também se destacou pelo apoio às ações empreendidas pelo governo municipal durante a gestão do Intendente Augusto Simões Lopes, que governou a cidade de 1924 a 1927, e seu sucessor, João Py Crespo, que esteve na intendência de 1928 a 1931. Nessas duas administrações a questão da modernidade pedagógica se manteve em destaque e, de acordo com os dados da pesquisa *O Movimento da Escola Nova e seus desdobramentos na Região Sul do Rio Grande do Sul*, as iniciativas do poder público municipal nesse período mantiveram uma estreita relação com as idéias de renovação e modernização defendidas no restante do país. De acordo com as autoras:

No desenvolvimento da pesquisa, realizada fundamentalmente a partir dos jornais de circulação diária em Pelotas, com ênfase para o Diário Popular, nos deparamos com um conjunto de dados bastante significativo em relação à reforma educacional em Pelotas durante o governo municipal do intendente Augusto Simões Lopes (1924-1928) e, posteriormente, no governo de João Py Crespo (1929-1932). As ações no campo educacional desenvolvidas durante a gestão de Simões Lopes estavam em consonância

⁸ Sobre essa campanha, ver CARDOSO, Aliana A. e PERES, Eliane. **O cinema como agente educativo: uma proposta da Associação Pelotense de Educação**. Anais do IV Seminário Internacional da Região Sul, 2004, Pelotas. Anais do IV Seminário Internacional da Região Sul: Desafios da Educação para a América Latina: Solidariedade e Educação, 2004. v. único.

⁹ Sob esse aspecto ver CARDOSO, Aliana A. e PERES, Eliane. **A atuação da Associação Pelotense de Educação no contexto da renovação pedagógica em Pelotas: o concurso de livros didáticos (1927)**. Anais do II Encontro História da Educação em Debate, Pelotas, 2004., 2004.

¹⁰ CARDOSO, Aliana Anghinoni ; PERES, Eliane . **A Participação da Seção Pelotense da Associação Brasileira de Educação na 1ª Conferência Nacional de Educação** . In: X Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação: História da Cultura Escolar: escritas e Memórias Ordinárias, 2004, Gramado. Anais do X Encontro... Pelotas : Seiva Publicações, 2004. v. único. p. 28-37.

com as discussões escolanovistas – caracterizadas como *renovadoras e modernizadoras* – em franca ascensão em todo o país. Essas idéias, contudo, continuaram tendo significativo espaço entre a intelectualidade pelotense mesmo depois de sua gestão. Assim, atravessamos os anos 30 com um recorrente discurso de *modernização pedagógica* na instrução pública pelotense. A referência do processo de renovação pedagógica pelotense, a partir de 30, é a reforma de Fernando de Azevedo no Distrito Federal. Pode-se afirmar, então, que Pelotas, entre meados dos anos 20 até meados dos 30, viveu, no campo educacional, sua fase *modernizadora*. (CARDOSO E PERES 2005, p.2)

Entre as ações do poder público municipal que estavam em *absoluta consonância com o movimento renovador do restante do país* se destacam a expansão do acesso à educação, por meio da criação de escolas isoladas e grupos escolares; a organização da rede municipal de ensino, com a criação da Diretoria da Instrução Pública Municipal e a ênfase na necessidade de uma educação integral, ou seja, física, cívica e moral; a criação de cursos de férias para os professores, dos círculos de pais e mestres e das bibliotecas escolares, e, por fim, a intervenção junto ao estado para a implantação da Escola Complementar na cidade, em 1929.

O que defendem Cardoso e Peres é que tanto a fundação da Associação Pelotense de Educação, sociedade de educadores que teve sua atuação marcada pela defesa das idéias relacionadas ao movimento de renovação educacional, quanto as iniciativas do poder público municipal nas décadas de 1920 e 1930 demonstram que as discussões e as práticas que se efetivaram no âmbito educacional pelotense foram grandemente influenciadas pelas discussões que estavam tomando força no restante do país naquele momento. Pode-se inferir, portanto, que além de expandir e modernizar a educação municipal Pelotas serviu como meio de expansão do movimento para a região sul do Rio Grande do Sul¹¹.

Sob outro aspecto, Oliveira (2005, p. 66) aponta que a atuação da Associação Pelotense de Educação no ensino público esteve ligada à administração do intendente Augusto Simões Lopes, já que a ação da Associação, muitas vezes, consistiu no apoio e auxílio às medidas tomadas pelo governo municipal de Pelotas. Nesse sentido a autora indica a presença simultânea de várias pessoas no governo municipal e na referida associação. Dessa forma, as ações da Seção Pelotense da ABE e do governo Augusto Simões Lopes no que se refere ao ensino público

¹¹ Conforme CARDOSO, Aliana e PERES, Eliane. Relatório final da pesquisa O movimento da Escola Nova e seus desdobramentos na região sul do Rio Grande do Sul: a Seção Pelotense da ABE, e a repercussão na imprensa local das conferências nacionais, do manifesto dos pioneiros da Educação Nova e do “caso” Anísio Teixeira, apresentado ao Cnpq em 2005.

municipal se ligaram e se confundiram, mas, nem por isso, deixaram de apresentar estreita ligação com a renovação educacional desenvolvida em outros estados brasileiros.

2.4 A leitura na escola brasileira

A leitura escolar configura-se objeto de estudo de muitos pesquisadores. Os estudos versam sobre a leitura como prática social, sobre os aspectos psicolingüísticos da leitura, sobre o consumo de uma determinada literatura por parte dos leitores, entre outros. No campo da história da educação, existem vários estudos sobre a leitura que estão de certa forma, ligados à escola e às bibliotecas: o que lêem os escolares, o ensino da leitura e da escrita nas escolas primárias, e, ainda, os livros adotados nas escolas, são alguns exemplos de estudos realizados.

Apesar dos inúmeros estudos, a leitura propriamente dita é de apreensão difícil já que é uma atividade que raramente deixa vestígios e, de acordo com Belo (2002:54) “é um objeto de estudo que escapa sempre um pouco ao historiador que o quer agarrar”. No entanto, as práticas e os discursos sobre a leitura diferem entre si em cada época e o leitor, embora desconhecido, lê dentro da sociedade em que está inserido e sua leitura, embora fugidia é apreensível pelo historiador, conforme Chartier (1999 p.77)

A leitura é sempre apropriação, invenção e produção de significados (...) Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão.

Nesse sentido, ao se fazer história da leitura é fundamental a investigação das maneiras de ler na época e espaço determinado, além dos discursos que cercavam as práticas de leitura dentro desse contexto. Sob esse aspecto é que será abordada a educação e seus espaços de leitura: espaços onde se aprende, primeiramente, a decodificar os signos gráficos para, em seguida, começar-se a prática da leitura. Essa prática não foi a mesma que conhecemos atualmente, os processos de alfabetização e de leitura nas escolas primárias brasileiras sofreram

modificações ao longo do tempo e, essas modificações estiveram, certamente, ligadas ao que se pensava sobre o livro e sobre a leitura dentro de cada contexto social.

A leitura das crianças no século XIX, por exemplo, segundo Tambara (2003 p.93) consistia nos contos de fadas dos irmãos Grimm, de Andersen e de Perrault - textos colhidos do domínio público e adaptados pelos autores ao público infantil - além de fábulas e pequenos contos e historietas. A leitura das crianças da época, no entanto, não era a mesma utilizada na escola. Ainda segundo o mesmo autor, nos manuais escolares para a leitura no século XIX:

Nota-se que há uma nítida opção por uma literatura infantil decorrente de uma adaptação da literatura originalmente escrita para um público adulto. Não há aproveitamento dos inúmeros contos infantis que granjearam significativa popularidade no Brasil, no século XIX. Embora os contos publicados pelos irmãos Grimm e por Andersen fossem solenemente ignorados como textos de leitura escolar, houve alguns “autores” de contos que obtiveram muita simpatia do sistema que administrava a rede de ensino brasileira, entre os quais se destacam: o cônego Schmid e F. Hoffmann. (TAMBARA 2003 p.110)

O objetivo desses manuais de leitura era trazer para a infância os valores e regras do mundo adulto e controlar a prática de leitura dentro da escola através da seleção de textos adequados à proposta de leitura na época que “era unir a necessidade do processo de aprendizagem do ato de ler e escrever com o de configurar um determinado tipo de pensar” (TAMBARA 2003 p.100). Nesse sentido, os textos para a leitura na sala de aula provinham de manuais utilizados pelo professor, esses manuais continham textos selecionados pelos órgãos dos governos provinciais, com forte influência da Igreja Católica. A biblioteca como parte integrante da escola também não era uma realidade nesse período: os projetos das escolas brasileiras previam uma sala para a biblioteca, conforme Vidal (2004 p.191), no entanto, esse espaço era destinado ao estudo e instrução do professor e não à prática de leitura pelos alunos.

Dessa forma, torna-se possível afirmar que a leitura das crianças no período, de maneira geral, restringia-se aos manuais escolares e ainda, aos contos de fadas, textos de literatura infantil utilizados no âmbito extra-escolar.

No entanto, Tambara (2002, p.29) aponta que a indústria de impressão de material didático no Brasil começa a prosperar a partir da independência. Dentre essas materiais estavam os livros de leitura utilizados na escola primária brasileira

do período imperial. Esses livros de leitura são seletas e coletâneas de contos e poesias, catecismos, história sagrada entre outros. O mesmo autor aponta que:

É fácil observar nestas listagens a predominância de obras de destinadas à formação moral e cívica das crianças. Os “Tesouros”, os “Parnasos”, os “Catecismos”, as “Fábulas”, entre outros, revelam a preocupação fundamental da escola e, de certa forma, do mercado editorial em transformar a escolanum instrumento eficaz tanto de transformação social como e principalmente, de manutenção de um dado status quo (TAMBARA, 2003, p.33)

Essa constatação, no entanto, não pode ser creditada somente a ausência de escritores para crianças no país. O mercado editorial brasileiro no final do século XIX e início do século XX eram praticamente inexistentes. Feijó (2005, p.454-455) aponta que nos primeiros anos do século XIX a oferta de livros no Brasil era composta, basicamente, de livros importados de Portugal e da França. Além disso, no país a imprensa poderia ser considerada irmã da literatura, já que, muitos de nossos escritores atuavam também nos jornais da época.

Os livros didáticos destinados às crianças brasileiras em idade escolar eram igualmente importados de Portugal (RAZZINI, 2005, P. 101) já que a demanda por livros didáticos era pouca e não justificava o investimento em produção própria ou tradução. Esse panorama começou a mudar quando em 1910 o português Francisco Alves, dono da editora de mesmo nome, publicou *Através do Brasil* de Olavo Biliac e Manoel Bonfim (FEIJÓ, 2005, p.457), destinado aos alunos de escolas brasileiras e considerado paradidático. Embora produzido no Brasil, o livro foi impresso na França pela ausência no Brasil de tecnologia adequada. Francisco Alves se tornaria nos anos seguintes um dos maiores editores de livros didáticos destinados à escola brasileira.

O fato de existirem no país poucas companhias editoras para impressão de livros infantis não é o único motivo para a parca literatura infantil disponível no período. A própria produção literária para a infância no Brasil, nesse período, encontrava-se em fase inicial. Dessa forma, para as crianças, não havia muito a ler além do livro escolar, a não ser fábulas e contos de fadas. O primeiro passo dado no que se refere à literatura infantil brasileira foi a adaptação de obras destinadas a adultos e, ainda, a exemplo do que originou os contos de fadas, a escrita de histórias populares ouvidas pelas crianças de suas mães, escravas ou amas de leite.

Cabe mencionar aqueles que, segundo Zilberman (2005 p.17-18) foram os pioneiros na escrita de histórias para crianças no Brasil. O primeiro deles, Carl

Jansen, nasceu na Alemanha e passou a residir, jovem, no nosso país. Trabalhava como jornalista e professor e traduziu para as crianças os clássicos *Robinson Crusoe* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888) e, também, *As aventuras do Celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891) e *D. Quixote de la Mancha* (1886). Fez companhia a Jansen, nesse alvorecer da escrita para crianças no Brasil, Figueiredo Pimentel que publicou coletâneas de sucesso como, por exemplo, *Os Contos da Carochinha*, em que mesclava as histórias de fadas européias àquelas provenientes das tradições brasileiras. Juntou-se a esses pioneiros o poeta Olavo Bilac que escreveu poemas muitas vezes vinculados aos livros didáticos do século XIX, mas que, mesmo assim foram recitados e memorizados por várias gerações de crianças brasileiras.

No entanto, o marco da literatura infantil no país foram as histórias escritas por Monteiro Lobato. A publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado* em 1921 deu início a um fantástico período em que muito se produziu em termos de livros para crianças no país. O último livro da obra de Lobato foi *Os Doze Trabalhos de Hércules* publicado em 1944, nesse período Lobato construiu o mundo do Sítio do Picapau Amarelo e a série de aventuras que fizeram o nome de seus personagens e, ainda, escreveu as histórias populares brasileiras em *Histórias de Tia Nastácia*, recontou as fábulas no livro de mesmo nome e reescreveu as histórias *D. Quixote de la Mancha*, *Peter Pan* e as *Aventuras de Hans Staden* ao público infantil. Falar de toda a obra de Monteiro Lobato que conforme Zilberman (2005:33), por si só é “um sistema literário inteiro”, não caberia nessas poucas linhas. Entretanto, é importante salientar que, durante todo o período em que Lobato escreveu, ele não esteve sozinho, outros autores produziram no mesmo período disputando com Lobato um mercado que se apresentava promissor a escritores e editores.

A partir de Monteiro Lobato o mercado editorial brasileiro começou a investir na publicação de obras infantis, dada à procura que estava existindo e também devido ao lucro que proporcionava. Juntaram-se a Lobato nesse período Viriato Correia que alcançou bastante sucesso com sua obra *Cazuza* publicada em 1938, além de escritores já conhecidos do público adulto como Graciliano Ramos, que publicou *A Terra dos Meninos Pelados* em 1939, *Pequena História da República*¹² e *Histórias de Alexandre* que reúne histórias recolhidas do folclore contadas por um

¹² O livro aborda os principais fatos da história da então recente história da república brasileira. A publicação foi sustada pelo governo Vargas, sendo publicado somente em 1950.

narrador, Alexandre, que, além de narrar os fatos, tenta convencer seus ouvintes de que as histórias contadas correspondem à verdade.

No sul do país, Erico Verissimo, autor de obras como *Clarissa* e *Caminhos Cruzados*, destinadas ao público adulto, também atuou na literatura infantil com *As Aventuras do Avião Vermelho* (1936), *O Urso com Música na Barriga* (1938) e *A Vida do Elefante Basílio* (1939), *Os Três Porquinhos Pobres* (1936) e *Outra vez os Três Porquinhos* (1939). As histórias infantis de Erico Verissimo quase sempre apresentam animais como protagonistas e somente uma, em 1936, *Rosamaria e o Castelo Encantado* possui uma personagem feminina como protagonista.

Cabe ainda salientar que entre as décadas de 20,30 e 40 do século XX outros autores fizeram-se presentes na produção literária brasileira. Entre eles Cecília Meireles com a publicação de *Criança Meu Amor* em 1923. Cecília Meireles foi, ainda, responsável pela realização, segundo Pimenta (2001, p. 51), de um inquérito sobre leituras infantis em 1931. Esse inquérito, segundo a mesma autora, serviu de base para a constituição do acervo da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco, fundada sob a direção de Cecília Meireles em 1934.

Os inquéritos sobre as preferências do público infantil já haviam sido realizados no Brasil sendo que o primeiro foi uma iniciativa da Comissão de Leituras Infantis da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1926. Esse inquérito, segundo Pimenta (2001, p.46-47) foi:

(...) realizado para investigar a preferência de leitura de jovens cariocas, apurou os votos de 3.094 escolares entre 8 e 17 anos (meninos e meninas) pertencentes a 22 escolas públicas e particulares, urbanas e rurais, brasileiras e estrangeiras, do Distrito Federal que já possuíam bibliotecas para uso dos alunos. (...) o inquérito se resumia a apenas uma pergunta *Qual livro que mais gostou até hoje?*

O livros apontados como preferidos dos estudantes cariocas foram os *Contos da Carochinha* de Figueiredo Pimentel (leitores entre 8 e 11 anos), *Robinson Crusó* de Daniel Defoe (meninos, de 12 a 14 anos) e, ainda *O Guarani* de José de Alencar (meninas de 12 a 14 anos e estudantes em geral de 15 a 17 anos). Esse inquérito constatou que muitos alunos não sabiam diferenciar uma obra literária de uma didática e, ainda, que muitos preferiam autores estrangeiros em detrimento das obras de autores nacionais.

Diante dos resultados do inquérito a Comissão de Leituras Infantis da Associação Brasileira de Educação (ABE) organizou em 1928 a I Exposição de

Livros Infantis, com obras literárias consideradas apropriadas aos estudantes brasileiros. O inquérito apontou, ainda, para a necessidade de organização das bibliotecas escolares consideradas, pelos resultados da pesquisa, precárias no que se referia à qualidade do acervo.

A preocupação com a qualidade das obras oferecidas à leitura das crianças brasileiras tornou-se uma preocupação constante da Comissão. A partir da realização do primeiro inquérito listas de obras começaram a ser publicadas¹³ incluindo, em 1930, um folheto específico intitulado *Biblioteca para Crianças e Adolescentes*, no qual constavam a indicação de obras literárias junto com uma breve apreciação crítica e indicação de sua adequação ao público infanto-juvenil.

O constante interesse dos educadores pela leitura infantil fomentou o empenho em prol da instalação de bibliotecas escolares nas escolas públicas, instalação que, algumas vezes não foi efetivada pela falta de recursos financeiros para a aquisição das obras. Esse interesse também levou a fundação da Biblioteca do Pavilhão Mourisco, primeira biblioteca infantil do país.

As investigações sobre a preferência das crianças em relação à leitura e a busca por obras consideradas adequadas à leitura na infância advinha da grande preocupação dos educadores em relação à qualidade da literatura disponível aos pequenos.

Por outro lado o mercado de livros didáticos também foi se modificando nas primeiras décadas do século XX. Razzini (2005, p.102-105) aponta que a partir de 1890 o sistema de ensino primário começou a se expandir (a autora cita como exemplo o estado de São Paulo) e, conseqüentemente, o mercado de livros didáticos também seguiu o mesmo caminho. A autora aponta, ainda para modificações no material:

(...) nota-se que os livros dirigidos ao período inicial da escolarização (assim como os livros de literatura infantil) passaram a apresentar cada vez mais ilustrações e fotografias, inclusive nas capas (...) (RAZZINI, 2005, p.104)

Essa modificação nos livros oferecidos aos leitores mirins nas primeiras décadas do século XX se deve, principalmente, a uma nova forma de conceber a leitura na escola brasileira no mesmo período.

Vidal (1999, p.335-342) aponta que a modernização da escola brasileira propunha um novo uso da leitura e do livro. A leitura escolar, a partir desse período

¹³ Conforme Pimenta (2001, p.49) em 22/02/1928 foi publicada uma lista na revista infantil Tico-tico e também em publicações destinadas a professores.

passaria de intensiva (de uma só obra adotada pelo professor) a intensiva (um maior número de obras escolhidas, também, pelo aluno).

Ainda na leitura em sala de aula, é importante afirmar que houve modificações, inclusive, nas formas de executá-la em sala de aula. A leitura silenciosa passou a estar cada vez mais presente nas salas de aulas em substituição à prática da leitura oral. Essa modificação se justificava porque a leitura silenciosa respeitava o ritmo de cada aluno e possibilitava que a criança trabalhasse o texto de acordo com suas possibilidades de compreensão, na velocidade que lhe fosse conveniente.

Os livros nesse período passaram de receptáculo do conhecimento a ser aprendido pelo aluno a um meio do educando chegar à aprendizagem

O livro escolar, de obra fechada, transformava-se em obra aberta. As leituras que permitia não lhe alteravam o significado original inscrito no sujeito enunciador (autor), mas desvelavam aspectos de um mundo, concebido como integrado e passível de decifração. O universo da leitura e o da pesquisa empírica se associavam num jogo de complementação. Por isso, ler era tão ativo quanto realizar um experimento. O saber encontrado no livro não se oferecia mais à memorização: emulava a produção de novos conhecimentos (VIDAL, 1999, p. 339).

No Rio Grande do Sul, a Revista do Ensino, periódico pedagógico de grande circulação no Estado publicava em suas páginas listas de livros recomendados para a leitura infantil, além de incluir, também resenhas sobre várias dessas obras. A mesma revista alertava os professores para o perigo que a “má literatura” representava para o desenvolvimento do educando, chamando constantemente a atenção dos educadores para o importante papel do professor no sentido de conduzir seus alunos pelos caminhos da boa leitura.

Visto que uma das preocupações dos educadores era a qualidade do acervo disponível ao estudante, de acordo com Vidal (1999), a recomendação de livros adequados à infância era realizada pelas Diretorias de Instrução Pública. Existia o interesse em controlar a aquisição de acervo pelas bibliotecas escolares e o acesso de crianças e adolescentes aos livros

Segundo Fernando de Azevedo (1953) esse se fazia necessário, já que a produção intensa de livros infantis no país possibilitava a ocorrência de uma literatura considerada de má-qualidade. Em meio a obras de relevância e qualidade literária, como as citadas anteriormente, surgiram outras não detentoras dos mesmos predicativos, mas que de uma forma ou de outra chegaram às livrarias e

bibliotecas. Os educadores propunham, portanto, uma seleção sobre as obras disponíveis, já que não é necessário somente *ler*, mas *ler bons livros*. A literatura julgada *de má-qualidade* era criticada como mostra o mesmo autor:

(...) do aumento notável de consumidores e a competição para a conquista do público, da infância e primeira adolescência, se favoreceram a corrente de coleções preciosas, de produções originais, de valor, na língua de cada país, e de tradução de obras já clássicas que correm o mundo, vertidas em todos os idiomas, favoreceram igualmente o surto de uma literatura banal, vulgar e insuportável. (Azevedo, 1953, p 214-215)

Logo, parece possível afirmar que a produção literária destinada ao público infantil e uma nova postura, por parte dos educadores, frente à leitura escolar estiveram de certa forma relacionadas nas primeiras décadas do século XX. Ainda nesse sentido, a instalação de bibliotecas escolares e a proposta de uma leitura extensiva na infância fizeram com que o livro se tornasse parte do cotidiano da criança e também um meio pelo qual o educador propunha novas formas de aprendizagem e, também, uma nova proposta de formação intelectual.

Essa nova forma de ver e praticar a leitura em âmbito escolar chegou a Pelotas através da reforma no sistema municipal de ensino realizada nas primeiras décadas do século XX. A necessidade de uma biblioteca escolar destinada aos alunos fez com que os grupos escolares Félix da Cunha e Joaquim Assumpção passassem a contar com o espaço. No entanto, a maior parte das escolas pelotenses não possuía uma biblioteca.

A instalação da Seção Infantil Erico Verissimo da Bibliotheca Pública serviu ao propósito de atender aos estudantes pelotenses no que se refere à constituição de um espaço adequado para leitura, pesquisa e realização de tarefas escolares. Um dos objetivos da Seção Infantil era, portanto, complementar a educação escolar oferecendo um espaço diferenciado e, até o momento, inexistente na maior parte das escolas da cidade.

Capítulo III: A Seção infantil Erico Veríssimo da Bibliotheca Pública Pelotense

3.2A sua fundadora: Gilda Nunes Pinto

Gilda Barcelos Nunes, professora fundadora da Seção Infantil Erico Verissimo, nasceu em Pelotas, em 18 de dezembro de 1915, filha de Emílio Nunes e Maria Eulália Barcelos Nunes. Estudou no colégio São José durante toda infância e, por volta dos 15 anos, prestou exame para a Escola Complementar de Pelotas, formando-se na segunda turma de alunas mestras.

Dona Gilda falou em todas as suas entrevistas sobre o amor que sempre nutriu pelos livros e pelo estudo. Desde criança lia com prazer, os pais adquiriam para ela e seus irmãos o almanaque Tico-tico e, após a leitura o almanaque era dividido para que cada um conservasse um pedaço.

Foram realizadas cinco entrevistas com a informante no período de julho de 2005 a agosto de 2006 (uma semana antes do seu falecimento). As entrevistas foram de grande importância para a busca das fontes documentais utilizadas no trabalho e as memórias da depoente trouxeram ainda, vários dados que não foram encontrados em fontes documentais. De forma geral, a utilização de memórias nas pesquisas em História da Educação possibilita a análise dos processos educacionais e seus envolvidos em uma perspectiva histórica, tornando possível ao pesquisador o esclarecimento de diversos aspectos de sua atividade e oferecendo elementos para a busca de novas fontes e diversificação da metodologia. Abrahão (2003, p.81) destaca que:

As narrativas permitem, dependendo do modo como nos são relatadas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos informantes. [...] Pela leitura transversal das trajetórias de vida pessoal e profissional dos destacados educadores de nossa pesquisa pudemos apreender teorias e práticas de formação, de ensino, de relações interpessoais e institucionais, de construção identitária – do ser educador – relacionados aos diferentes momentos e cenários sócio-político-econômico-culturais.

Assim, a análise das memórias de Dona Gilda permitiu não só um direcionamento no que se refere à Seção Infantil da BPP, objeto desse estudo, mas também uma forma de reconstruir sua trajetória profissional que está, sob certo aspecto, ligada ao objeto desse estudo.

Sobre a escola, as lembranças de D. Gilda eram vívidas e agradáveis. Referia-se ao seu tempo escolar como “de alegrias e sucessos”. Aos 14 anos prestou exame para ingresso na Escola Complementar de Pelotas com o objetivo de ser professora. Não obteve aprovação no primeiro exame de admissão e, por isso, contou com a ajuda de sua prima, Baby Nunes para se preparar para a prova no ano seguinte. Sobre esse período ela relata:

Na época só havia a opção de ser professora. Todas as minhas primas foram professoras, porque trabalhar no comércio, Deus me livre, os pais não deixavam. Trabalhar fora de casa era um horror e ser professora não. O negócio é que todas se apaixonam, as minhas três irmãs e eu, professoras, se apaixonaram pela profissão [...] e depois era muito respeitada. As pessoas consideravam [...] éramos bem reconhecidas e todas trabalhavam após a saída da escola (Entrevista III, em 20/03/20)

Na Escola Complementar de Pelotas, a professora Gilda teve ativa participação no Grêmio Literário, do qual foi também presidente, e também colaborava com o jornal “Complementarista” impresso na escola e editado pelas alunas. Esse impresso. Segundo Silva e Amaral (2006):

As alunas possuíam um espaço nesta revista para opinarem, expor suas idéias, recomendar leituras, publicar certas práticas da instituição como ocorrem com as conferências, que eram ações organizadas por elas com a assistência da comunidade escolar.

Sobre registros da participação da professora Gilda no impresso as autoras citam o seguinte trecho de uma conferencia publicada integralmente no Complementarista:

Toca-me hoje, a vez de continuar a série de conferências organizadas pelo Clube Literário Eva Rosa dos Santos [...] sobre o que encetarei a palestra? Sobre a esperança [...] quando um estudante vê fracassarem as suas aspirações deve desanimar? Não, pelo contrário dedicar-se-á com mais ardor ao estudo, esperando que outra vez tenha a recompensa dos seus esforços [...] (COMPLEMENTARISTA EM 23/07/1932 *apud* SILVA e AMARAL, 2006).

Formou-se na segunda turma de alunas-mestras, da qual foi oradora e, a partir daí, iniciou sua carreira no magistério na Escola Dr Cassiano. Durante vários anos trabalhou com classes de alfabetização nessa escola e, aos finais de semana, trabalhava em um programa de rádio “A Hora da Tia Lúcia”, transmitido pela Rádio Pelotense:

Eu fiz o programa aos domingos, para as crianças, não tinha nada demais. Era domingo, às dez horas, eu e as minhas irmãs. Eu fui pra frente, eu que

dirigia, então, eu contava histórias no rádio. Às dez horas estava fervilhando, iam pra missa, saíam da missa e iam direto para a rádio. Ia até onze e tanto, e aquilo ia crescendo e nós ensaiávamos em nossa casa as crianças para cantarem, para tocarem piano... A minha irmã falava sobre história, geografia... Era tudo com brincadeiras pra chamar a atenção deles. Uma me disse, que era do nosso grupo, "Eu aprendi tanta coisa, que nem no colégio eu aprendi assim", porque todas nós gostávamos de estudar e todas eram professoras (Entrevista I, 26/07/2005)

Sua carreira do magistério continuou na Escola Normal Assis Brasil (antiga Escola Complementar) em que lecionava a disciplina de Pedagogia para as futuras professoras e também foi responsável pela fundação do Jardim de Infância dessa Instituição. O trabalho na organização do Jardim de Infância rendeu prestígio à professora Gilda:

Eu fundei o Jardim de Infância, quatro, cinco e seis anos [...] foi um sucesso [...] fui procurar me informar, viajei muito. Mas também eu lia muito sobre jardins. A minha irmã a Célia fazia os enfeites... nisso eu gastava que era um horror porque para esperar quem dessem... se bem que a diretora, dona Maricota, era muito minha amiga e me dava quase tudo que eu pedia. O mobiliário todo feito pequeninho e eram três salas de quatro, cinco e seis anos e depois passavam para o primeiro ano, a primeira série. Aí eu tinha duas moças que me ajudavam, eu dava o deveriam ensinar e elas iam passando boas maneiras, educação... E para elas eu ensinava Pedagogia, sabe? Como tratar as crianças, como educar, como vestir, como ajudar em casa. Era tudo o que eu tinha paixão (Entrevista III, em 20/03/2006).

O convite para trabalhar na Bibliotheca Pública Pelotense veio mais tarde, na década de 1940. Esse convite, segundo D. Gilda, foi obra do acaso e das boas relações que ela cultivava em Pelotas:

Eu comecei assim, dava aula no Cassiano que era lá na rua XV, defronte à creche, e morava na outra esquina que era, naquele tempo era, tinha outro nome.

Fui convidada para trabalhar na Biblioteca e aí comecei a me interessar, fui convidada porque tinha vindo a Pelotas a maior bibliotecária do Brasil Dona Lúcia de Queiroz. Ela ficou muito minha amiga, ia à minha casa e a minha mãe gostava muito de receber, porque era uma pessoa de família antiga aqui e logo levavam lá. E lá ela foi, quando chegou, o prefeito me apresentou, eu tinha sido convidada para tomar conta da Biblioteca. E aí, então, ela me deu muitas informações, era uma pessoa que eu queria muito bem, porque lê já morreu. Ela era prima daquela escritora no norte... [para e pensa por uns instantes] da Rachel de Queiroz. E quando veio aqui ela me convidou para fazer no Rio de Janeiro, uma temporada que eu a assistiria na Biblioteca, ela me ensinaria tudo e eu poderia tirar o curso de bibliotecária. E assim aconteceu.

Eu fui e ela dirigia [segue referindo-se a Sra. Lúcia] a Biblioteca de lá do Rio de Janeiro, eu visitava, fui visitando para me formar, trabalhava, porque eu queria era ter preparo para fazer o mesmo aqui na Biblioteca de Pelotas. E passei o ano lá. Esse ano, se eu me lembro, foi 49, eu acho... Não, não, 45 ou 46 (Entrevista I, 26/07/2005)

Durante o processo de estruturação da Seção Infantil, em 1946, a profa. Gilda passou a exercer a função de bibliotecária-chefe da BPP, sem deixar de dar atenção

especial a Seção Infantil que, segundo ela era a “menina dos olhos” da nova fase da Bibliotheca, atraindo a atenção de pessoas de todo o Rio Grande do Sul. Embora sem dedicar-se totalmente a coordenação da Seção Infantil, durante todo tempo em que residiu em Pelotas a Prof.^a Gilda foi a responsável pela implantação de todas as atividades que fariam parte, durante anos, do esquema de funcionamento do espaço infantil da BPP.

Dessa forma, a Hora do Conto, o Mundo Infantil, os pequenos grupos e teatro, desenho e pintura, foram sendo acrescentados à rotina da Seção Infantil logo após a sua inauguração. Sobre esse espaço, embora dirigido por outra pessoa, a Prof.^a Gilda sempre dedicou sua atenção ficando a seu cargo, por exemplo, a realização e transmissão da Hora do Conto e todo processo de estruturação e edição do primeiro número do Mundo infantil.

Alguns anos após a fundação da Seção Infantil, a Prof.^a Gilda casou-se com o namorado que ela havia conhecido no Rio de Janeiro e mudou-se pra lá, onde teve dois filhos José Emílio e José Luiz. Após sua partida, vinha todos os anos a Pelotas visitar os familiares e, na maior parte das vezes, visitava a Bibliotheca e, em especial, a Seção Infantil.

Após a ida da Prof.^a Gilda para o Rio de Janeiro, ela continuou com a carreira de bibliotecária conforme seu relato:

Depois acabei indo morar lá [no Rio de Janeiro], dei aulas, muitas aulas na Petrobrás, porque ouviam falar e me chamavam para fazer aulas, e no Globo, mas quantidade! E foi se espalhando aquilo e houve um aumento muito grande de bibliotecários, tinha homens, mulheres, era de noite o curso e nós podíamos sair à noite, e aí depois do casamento e a Dona Lídia quis que eu fosse trabalhar com ela, foi ótimo, eu trabalhava na Biblioteca Nacional. Tinha uma moça de lá do Rio, nós ficamos muito amigas, eu trabalhava com ela, depois eu fui convidada por outros lugares e acabei trabalhando na usina... em Itaipu. Fui convidada para dirigir toda a parte de biblioteca, em Itaipu, mas do Rio de Janeiro. Tive que ir lá porque Itaipu trabalha com aquele país, Paraguai, e eles tinham uma vontade de aprender, e aí o presidente da Itaipu me mandou passar um mês lá no Paraguai pra eu dar aulas para eles, para capacitar gente que trabalhasse na biblioteca. Eram ótimos, que vontade de aprender! E eu gostava de ensinar, vejamos... fiquei com muitos amigos lá, tinha outras moças por lá que me chamavam, no fim estava até falando espanhol! Gostei muito e foi muito bom. Eu dirigia todas de lá do Paraguai e do Brasil, mas dirigia do Rio, morei pouco tempo em Itaipu, depois ia todos os meses para olhar, verificar o funcionamento, dava aulas, eles tinham um empenho de saber, fiquei amiga de todos. Foi uma época áurea! (Entrevista IV, em 19/06/2006).

Na Usina de Itaipu, a Prof.^a Gilda Nunes Pinto¹⁴ foi pioneira no trabalho de microfilmagem de arquivos, tornando-se uma referência nacional na organização de bibliotecas e arquivos e fazendo parte, durante alguns anos, da Sociedade Brasileira de Arquivologia.

Após a aposentadoria a Prof.^a Gilda voltou a morar em Pelotas até seu falecimento em setembro de 2006. Toda sua vida foi, segundo ela própria, “dedicada ao ensino e aos livros” e suas realizações nessas duas áreas excedem o espaço que lhe foi dedicado nessas linhas.

3.3 Estruturação e fundação da Seção Infantil Erico Verissimo

O retorno da professora Gilda Nunes para Pelotas e o início do processo de reorganização da Biblioteca Pública Pelotense deu forma à idéia da Instalação de uma Seção Infantil. A instalação, segundo entrevista dos bibliotecários ao Diário Popular publicada em 05/01/1946, seguiria o modelo de organização das bibliotecas infantis visitadas pela professora Gilda Nunes durante o Curso de Biblioteconomia. Ao noticiar o início das atividades dos bibliotecônomos¹⁵, o jornal A Opinião Pública de 16 de janeiro de 1946 chama atenção para os procedimentos a serem adotados na reorganização da Bibliotheca:

Prosseguindo decididamente em sua reorganização, os funcionários da Biblioteca Pública Pelotense, já se distribuíram os serviços de catalogação e organização geral, os quais ficaram assim constituídos: Catalogação Topográfica, bibliotecônomos Humberto Canarim e Cely Farias. – Biblioteca Infantil, estruturação e organização, Professora Gilda Nunes.

A partir desse momento, a professora Gilda ficou responsável por toda a estruturação da Seção Infantil, desde aquisição de obras até a constituição de um espaço físico adequado à leitura na infância. O trabalho da Profa. Gilda e das também professoras Gilda Echenique e Ivonice Otero (que, posteriormente, seria a primeira bibliotecária da Seção Infantil), incluiu a escolha do patrono, compra do mobiliário, decoração da sala, aquisição do acervo e planejamento das atividades que constituíram, mais tarde, o cotidiano da Seção Infantil Erico Verissimo (SIEV).

A escolha do patrono foi uma decisão das professoras envolvidas no projeto. A Prof.^a Gilda, em sua primeira entrevista, informa que nutria por Erico Verissimo “um afeto de irmã” e, desse afeto, e da vontade de dedicar a que seria segundo

¹⁴ Nome que passou a usar depois do seu casamento.

¹⁵ Termo empregado pela imprensa da época para referir-se aos bibliotecários.

dados obtidos, a primeira Biblioteca Infantil do Rio Grande do Sul a um escritor local, surgiu a motivação para o convite. Esse convite foi feito pessoalmente pela professora Gilda Nunes, na Livraria do Globo, onde trabalhava o escritor:

A biblioteca infantil ficou muito bonita e também muito prática e outra coisa, convidei para inaugurar a minha paixão, o Erico Verissimo, eu o adorava. E tu sabes que eu fui a Porto Alegre, porque ele trabalhava na Livraria do Globo e cheguei lá e a moça que me atendeu perguntou: “A senhora é parente dele?” e eu disse: “Não, mas se eu pudesse era irmã ou mãe dele, de tanto que eu gosto.” A moça riu, mas ele era muito parecido, depois é que eu vi, com meu irmão mais velho. Eu fui a Porto Alegre e contei a ele minha história, disse que a biblioteca estava revivendo, que tinha um acervo ótimo, mas que estava tudo parado, só servia aqueles que se dedicavam às letras, agora, eu quero trazer pra dentro o povo, os estudantes, as pessoas que gostam de ler, e ela estava agora, sempre cheia de gente.(...)

Então, o Erico Verissimo me deu a maior força, que pessoa! Eu disse a ele que ele era parecido com meu irmão. A inauguração foi um sucesso, o Érico Veríssimo veio antes da inauguração e mandou muitos livros infantis e, acho que até hoje, ele é o patrono da biblioteca infantil (Entrevista I , 26/07/2005).

Erico Verissimo visitou as instalações da Seção Infantil que levaria o seu nome em abril de 1946 (Diário Popular, 14/04/1946), durante a visita doou exemplares de suas obras para crianças. O escritor, no entanto, devido a outros compromissos não compareceu à inauguração.

A presença de um representante do escritor na inauguração leva à pergunta: se a Erico Verissimo lhe agradou tanto o convite para ser patrono da Seção Infantil por que não compareceu à cerimônia de inauguração? Segundo Dr^a. Maria da Glória Bordini¹⁶, encarregada do Memorial Erico Veríssimo em Porto Alegre, o escritor estava viajando a trabalho para o Rio de Janeiro na data da inauguração.

Os jornais locais noticiaram com enorme entusiasmo a estruturação da Seção Infantil da Biblioteca Pública, referindo-se a vários aspectos do projeto que seguia às mais modernas orientações da época como, por exemplo, em relação ao mobiliário:

O mobiliário, que a reportagem já teve ocasião de observação, é quase que científico, entrando muito em conta angulos de luz e pequenos “trucs” de construção a-fim-de habituar a criança a ler em posição correta, sem forçar a caixa torácica. Aliás a construção desse mobiliário (...) é feita rigorosamente de acôrdo com os desenhos enviados pelo DASP, desenhos que se encontram sob a orientação de técnicos da educação, e dependem da aprovação de vários departamentos, antes de serem adotados. (Diário Popular, 22/02/1946)

A racionalização da leitura empreendida por educadores brasileiros nas primeiras décadas do século XX deu uma nova dimensão ao ato de ler. O espaço da

¹⁶ Consulta realizada por email com a profa. Maria da Glória.

biblioteca passou a ser visto também de uma nova forma. Vidal (1999, p.345) aponta que o Programa de Linguagem do Rio de Janeiro de 1934 orientava a forma como deveriam ser constituídas bibliotecas para crianças: sala ampla, ambiente agradável, livros ao alcance dos leitores e mobiliário adequado a faixa etária dos freqüentadores.

A inauguração da Seção Infantil, ocorrida em 11 de maio de 1946, teve amplo destaque na imprensa local, sendo transcritos, os discursos das autoridades presentes e, também, os detalhes da cerimônia que contou com a participação de muitas pessoas. No discurso da Bibliotecária Chefe, Srta Gilda Nunes, ficaram claros os objetivos da Seção Infantil:

(...) A Biblioteca não é só um reservatório de cultura; deve ser também um centro de irradiação da mesma. A finalidade da Biblioteca Infantil é fazer da criança de hoje o leitor de amanhã. Age para proporcionar a todos as orientações e ampliar a capacidade de desenvolvimento.
(...) Desejamos trabalhar em cooperação com professores, pois uma das finalidades da Biblioteca Infantil é completar a obra da escola.
Crianças! Vocês acabam de receber um presente precioso. Na Biblioteca encontrarão um mundo de imagens maravilhosas e um grupo infinito de amigos preciosos: os livros. E aos amigos devemos cuidado e dedicação. (A Opinião Pública, 12/05/1946)

Além do mobiliário, a Seção Infantil chamava atenção dos seus visitantes, principalmente, por extrapolar os limites das atribuições que costumeiramente se atribuíam a uma biblioteca: o empréstimo de livros. Nesse sentido, desde o primeiro dia de seu funcionamento a Seção Infantil da Biblioteca Pública Pelotense propunha-se, nas palavras de sua fundadora, a ser um “centro cultural infantil”¹⁷. A primeira estratégia para alcançar esse fim está no que se refere ao acervo da Seção Infantil, visto que esse acervo não estava composto somente de livros. Incorporavam o acervo da Seção Infantil jogos, marionetes, material de desenho, recorte, colagem e pintura, coleções de selos, figurinhas, etc.

O objetivo desse amplo acervo de diversos materiais era de que os freqüentadores passassem o maior tempo possível no espaço da Seção Infantil e, dessa forma tivessem um complemento da educação recebida na escola.

¹⁷ Segundo a professora Gilda Nunes Pinto, entrevista IV, em 19/06/2006.

3.4 Funcionamento da Seção Infantil Erico Verissimo (SIEV) da Biblioteca Pública

Pelotense

A proposta de funcionamento indicava que a SIEV deveria ser para as crianças pelotenses uma espécie de Centro Cultural Infantil, um espaço que congregasse várias atividades destinadas às crianças. Pimenta (2001) ao analisar a Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco implantada por Cecília Meireles no Rio de Janeiro, aponta para o fato que a biblioteca concebida para as crianças transpunha, tal como o caso da Seção Infantil Erico Verissimo, as funções de uma simples biblioteca por oferecer às crianças um grande número de atividades:

(...) transformar-se-ia num Centro de Cultura Infantil, já que extrapolava os objetivos de uma simples biblioteca ao conjugar atividades como cinema, música, cartografia e jogos. Esse conceito foi ampliado por Anísio Teixeira no discurso de inauguração quando afirmou que o Centro seria *uma casa da criança (...)um verdadeiro órgão de pesquisa, cujos trabalhos no futuro produzirão os mais benéficos resultados*. Para Cecília Meireles, a biblioteca não seria apenas *uma reserva de livros catalogados e dados a ler às crianças*, mas um local de encantamento e pesquisa, *um órgão cooperador da educação primária. Vamos mudar o nome, Biblioteca diz muito pouco das proporções a que vai atingir a esfera de ação desse departamento. Acho que iremos denominar "Centro de Cultura Infantil". Aqui vai ser o Bureau da Criança*. (Pimenta, 2001, p.93)

Para alcançar essa finalidade, a Seção Infantil contava com diversas propostas de atividades direcionadas ao público infantil em geral, visto que somente era necessário ser sócio para retirar livros para ler em casa, o acesso ao espaço infantil e a participação nas atividades eram direcionadas a todas as crianças.

A Seção Infantil funcionava de segunda a sábado, no mesmo horário de funcionamento da Biblioteca Pública¹⁸. A Infantil possuía uma bibliotecária própria, a professora Ivonice Otero, que trabalhava juntamente com a professora Gilda, nesse período Bibliotecária-chefe da BPP na organização das atividades da Infantil. Durante os anos de funcionamento que analisamos para essa pesquisa a Seção Infantil teve as seguintes bibliotecárias:

Tabela I: bibliotecárias da SIEV

<i>Bibliotecária</i>	<i>Período de atuação</i>
Ivonice Trilho Otero	fevereiro - novembro de 1946

¹⁸ A partir de abril de 1946, a Biblioteca passou a funcionar sábados à tarde de modo a facilitar o acesso dos estudantes à instituição. O horário de funcionamento estendia-se das 9h00min às 11h30min da manhã e, pela tarde das 13h00min às 18h00min (conforme jornal Diário Popular de 31/03/1946)

Maria Vieira Etcheverry	Novembro 1946 - (?)1948
Gilka P. Etcheverry	(?) 1948 – dezembro de 1955
Celina Hammes	janeiro de 1956 até 1985

Fonte: atas da Seção Infantil Erico Verissimo

Durante os dois primeiros anos da Seção Infantil, a professora Gilda Nunes teve ativa participação na organização do espaço e das atividades que compunham seu cotidiano. Era de D. Gilda também a responsabilidade de compra do acervo e de organização da Hora do Conto, que será comentada adiante

No final de 1948 D. Gilda se mudou para o Rio de Janeiro e, a partir desse momento, todas as atividades da Seção Infantil ficaram a cargo de sua bibliotecária e foram se diversificando com o passar dos anos, conforme o perfil de cada uma das professoras que dirigiram o local.

A Seção Infantil contava com um acervo que compreendia livros de contos de fadas, histórias infantis e fábulas, além de um acervo sobre ciências, relatos de viagens, história geral e do Brasil, coleções de recortes, selos, romances juvenis e livros de poesias. A organização do acesso ao acervo poderia dar-se ou não através da bibliotecária: o espaço infantil contava com um catálogo dicionário em que cada livro era representado por várias fichas de autor, assuntos, título e coleção, arrumados alfabeticamente. Assim, havia vários pontos de referência para encontrar um livro e o acesso às estantes era permitido aos freqüentadores. Se a criança não conseguisse encontrar o que queria, sempre poderia contar com o auxílio da bibliotecária.

Após a leitura de uma obra, cada criança deveria preencher uma ficha de leitura na qual expunha suas impressões sobre a leitura, escrevia sobre o desenrolar de história e indicava quais personagens chamavam sua atenção. Através da ficha, a bibliotecária poderia estudar suas tendências, verificar se a criança compreendia o que lia e, ainda, se necessário, retomar as leituras com o freqüentador que encontrasse dificuldades no entendimento de um livro.

As fichas de leitura serviam ainda, segundo a professora Gilda, para que fossem definidas as novas aquisições de acervo que seriam efetivadas pela biblioteca, sempre embasadas na preferência de seus leitores e nas recomendações de educadores sobre livros adequados à infância.

3.3.1 O cinema na Seção Infantil

Já no seu primeiro ano de funcionamento a Seção Infantil passou a contar com várias atividades que passaram a fazer parte da rotina diária dos freqüentadores da Erico Veríssimo. Entre essas atividades estavam a edição do jornal Mundo Infantil e a Hora do Conto e, com o passar dos anos foram incluídas outras atividades de duração maior ou menor, conforme a disponibilidade da bibliotecária.

Por exemplo, no dia 12 de novembro de 1947, por ocasião da semana de comemoração do 72º aniversário da Bibliotheca Pública, aconteceu a primeira Sessão de Cinema da Seção Infantil, oferecida pela loja Mesbla (A Opinião Pública, 07/11/1947 e 14/11/1947). O título do filme assistido pelos freqüentadores não foi divulgado pela imprensa local, mas o acontecimento marcou o início das sessões de filmes na SIEV.

Esse interesse pela promoção do cinema fez com que na semana de 9 a 16 de dezembro a Bibliotheca promovesse por iniciativa da professora Gilda Nunes e do Instituto Nacional de Cinema Educativo a “Semana do Cinema Educativo” na BPP. O evento promoveu palestras e mesas redondas sobre o tema além da exibição de filmes destinados a crianças em idade escolar:

Temário para palestras ou mesas redondas:

- a) “Cinema e educação” (o cinema como instituição de recreação popular e seu papel como agente de educação ocasional e indireta. Política de Educação e censura cinematográfica – ação repressiva e ação construtiva. A linha popular do Instituto nacional de Cinema Educativo). Filmes: O cristal oscilador, Brasileiros e Bandeirantes.
- b) “A técnica cinematográfica e o sistema educacional (cinema educativo e cinema escolar, técnica cinematográfica e pesquisa educacional, cinema documentário e educação); O cinema na prática escolar: cinema extra-curricular e cinema na sala de aula, cinema silencioso *versus* sonoro, projeção fixa *versus* projeção animada. Filmes: Coração físico de Ostwald, o Puraquê, Um parafuso e Palavras do mar.
- c) Instituto Nacional de Cinema Educativo(sua história, sua organização , sua doutrina e seu programa. Suas realizações, seus projetos para o desenvolvimento futuro. Suas dificuldades e seus problemas. Possibilidades da sua cooperação com as iniciativas particulares e dos poderes públicos. Filmes: A moeda, Bernardo o eremita, Preparo da vacina contra febre amarela, Leopoldo Miguez.

A Opinião Pública, 19 de novembro de 1947.

A discussão em torno do cinema educativo mobilizou mais de 120 pessoas (A Opinião Pública, 10/12/1947) entre professores e autoridades municipais. Na primeira metade do ano de 1948 a Bibliotheca serviu novamente como palco para a

discussão do Cinema Educativo em um ciclo de palestras que durou três dias (Opinião Pública, 10/06/1948). As palestras abordaram os temas “Cinema e Sistema Escolar”; “Cinema e Sistema Cultural” e, por último “Aspectos de Psicologia da

Aprendizagem”. Embora a Bibliotheca possa ter sido escolhida para o evento por possuir um espaço que se prestava a esse tipo de reunião, é interessante observar que essa não foi a única motivação.

O encontro de dezembro e o ciclo de palestras organizado em junho traziam a assinatura da BPP em conjunto com o Instituto Nacional de Cinema Educativo. Mais do que oferecer o espaço, a Bibliotheca figurou como promotora do evento destinado aos seus sócios e educadores em geral.

O interesse pelo cinema educativo em Pelotas é anterior aos eventos realizados em 47 e 48. Na década de 20 uma campanha em prol do cinema educativo foi conduzida pela Associação Pelotense de Educação com a participação da intendência municipal:

Illustre sr.dr. Augusto Simões Lopes, M.D. Intendente Municipal
[...] é preciso evitar a influencia nociva do cinema na educação da infancia, protegendo-na contra as suggestões malsãs e criminosas, de modo a que não se converta esse aparelho em uma escola de vicio, e antes seja um instrumento pedagogico. Neste sentido a acção do poder publico já se faz sentir com eficiencia em diversos paizes, onde existe a censura previa nas pelliculas cinematographicas e a prohibição do ingresso de menores nos espetaculos em que figure o aviso de “Impróprio para as crianças”[...]. (Diário Popular, 25 de novembro de 1926).

Nesse ofício é possível perceber a preocupação dos membros da Seção Pelotense da ABE com a utilização do cinema em favor da educação das crianças e jovens, visto o seu significativo poder de *sugestão*. Segundo Vidal (1994) a preocupação com o aspecto moral do cinema também esteve presente entre os educadores cariocas e paulistas na década de 1920. Entretanto, a autora destaca que, nesses casos, a essa preocupação se acrescentou o reconhecimento da utilidade do cinema em sala de aula, como recurso pedagógico que “coloria o discurso do professor e enriquecia o ensino, pelo *contato com o real*”. (Vidal,1994:26, grifos da autora).

A partir da análise dos dados referentes à campanha promovida pela *Associação Pelotense de Educação* é possível afirmar que em Pelotas o *cinema como agente educativo* significou muito mais uma preocupação com a influência moral que os filmes poderiam exercer sobre a mocidade do que com a possibilidade

de utilização desse recurso visual como instrumento didático. Talvez pela indisponibilidade financeira de prover às escolas do material necessário à projeção de filmes produzidos especialmente para o uso em sala de aula fez-se necessário adaptar

a proposta do *cinema educativo*, dando-lhe uma atribuição muito mais moral do que pedagógica.

Enfim, se não era viável proporcionar aos pelotenses os benefícios do cinema pedagógico era necessário, pelos menos, resguardá-los dos efeitos negativos que o mau uso desse recurso poderiam acarretar. Parece ter sido essa a intenção que permeou a campanha promovida pela *Associação Pelotense de Educação*, campanha essa que contou com o apoio da Intendência Municipal de Pelotas que, em resposta ao ofício enviado pela Associação, garantiu que os estabelecimentos que exibissem filmes educativos, considerados adequados à infância pela Diretoria da Instrução Municipal, teriam isenção das taxas previstas sobre os lucros dessas atividades na lei orçamentária do município (Diário Popular, 15 de janeiro de 1927).

Constatamos, portanto, que nesse momento a Bibliotheca foi um espaço para a discussão do cinema como aparelho pedagógico e a Seção Infantil disponibilizava sessões de filmes para seus freqüentadores.

As sessões de cinema na SIEV ocorreram na década de 40 como promoção da loja Mesbla que dispunha na época de “modernos aparelhos de projeção (A Opinião Pública, 10/05/1948)”. No início da década de 1950 a Bibliotheca Pública Pelotense adquiriu um projetor cinematográfico “Barlan” (Diário Popular, 10/06/1952) que passou a ser utilizado nas sessões cinematográficas da BPP e do espaço infantil.

Essas sessões de cinema eram anunciadas aos freqüentadores através do jornal da SIEV:

No próximo dia 25 de abril haverá em nossa sala infantil uma secção de cinema com a exibição de “A gata borralheira”. O evento é promovido pela diretoria do nosso jornalzinho e pela direção da Bibliotheca Pública. (O Mundo Infantil, abril de 1956)

O sistema para ter acesso a exibição do filme era a distribuição de ingressos aos freqüentadores da Seção Infantil. As entradas não eram vendidas, mas sim distribuídas às crianças que se inscreviam para assistir ao filme. Esse sistema privilegiava sem dúvida os freqüentadores mais assíduos que sabiam com antecedência das exibições, por outro lado, atraía um maior número de crianças

para a Bibliotheca. O local de exibição podia ser a Seção Infantil ou, para um número maior de expectadores, o salão nobre da BPP.

3.3.2 A Hora do Conto

Logo após a fundação da Seção Infantil, em agosto de 1946, o jornal A Opinião Pública vincula e seguinte notícia intitulada “Hora Infantil na Biblioteca Pública”:

Soubemos que a Biblioteca Pública vai organizar um programa de rádio, que será transmitido pela Rádio Pelotense, o qual constará de contos infantis. Por intermédio destes, será aguçada a curiosidade da petizada para um ou outro livro infantil. Terá início esse programa possivelmente, ainda este mês, sendo realizado às quartas-feiras, às 16 horas.

Elogiável a iniciativa da Biblioteca Pública local, em assim despertar o interesse da criança pela cultura espiritual (A Opinião Pública, 05/08/1946)

A organização da Hora do Conto da Seção Infantil desde o seu início, conforme mostra a notícia acima, foi como programa de rádio. Isso se deve ao fato de que, a professora Gilda, desde o tempo em que foi aluna da Escola Complementar, apresentava juntamente com suas irmãs e duas primas o programa infantil “A hora da Tia Lúcia” também na Rádio Pelotense. Nesse programa eram apresentadas histórias infantis, músicas e jogos.

Diante de sua experiência, a Hora do Conto da Seção Infantil seguiu os mesmos moldes da “Hora da Tia Lúcia”. Havia uma história, contada no início do programa, canções que eram ensinadas às crianças e, ainda os concursos literários. Esses concursos consistiam em perguntas sobre um autor ou obra do universo literário infantil. Sobre a primeira hora do conto foi publicada a seguinte notícia:

A Hora do Conto da Biblioteca Pública – um fato inédito

Com grande concorrência de crianças teve início, ante-ontem, no salão da Bibliotheca Pública de Pelotas, supervisionado pelo seu departamento infantil, a “Hora do Conto”.

A solenidade da instituição dessa inovação, louvável iniciativa da diretora da Biblioteca, professora Gilda Nunes, foi irradiada por uma das emissoras locais, que instalou um microfone no recinto daquela dependência.

Inicialmente, dando início ao ato, falou a professora Gilda Nunes, que em alentada e expressiva alocação disse das finalidades educativas da “Hora do Conto”, esclarecendo as bases do primeiro concurso literário, no qual tomariam parte somente crianças, pois qualquer suspeita de interferência de terceiros, nas respostas às perguntas de que constaria o referido concurso, redundaria na imediata eliminação do concorrente.

A seguir foram expostas as quatro perguntas de que constava o concurso:

1ª – Em que estado do Brasil nasceu Monteiro Lobato?

2ª – Dê o nome completo desse autor e o dia em que ele nasceu.

3ª – Dê o título de alguns livros que ele escreveu, assinale e comente os que você leu.

4ª – Qual o personagem dos livros de Monteiro Lobato que você acha mais simpático, e por quê.

As respostas às perguntas então formuladas deverão ser entregues na Seção Infantil e o vencedor será conhecido na próxima sessão da Hora do Conto. (A Opinião Pública, 13/09/1946)

Os concursos literários ou de desenho faziam parte de todas as sessões da Hora do Conto, no período em que foi realizada pela professora Gilda. Além desses concursos, durante o programa eram realizados jogos de perguntas e respostas entre as crianças participantes, leitura de poemas ou fábulas e, também comentários sobre as atividades que seriam realizadas na Infantil.¹⁹

A Hora do Conto também contava com a participação dos freqüentadores da Seção Infantil que preparavam apresentações de música e teatro para os programas de rádio:

Realiza-se hoje às 16 horas na Bibliotheca Pública mais um programa da Hora do Conto, iniciativa criada há tempos pela Seção Infantil.

Essa programação, que é elaborada sob a orientação dos mais recentes princípios de educação infantil e conduzida sob a vigilância de professores especializados no assunto, terá, na sessão de hoje á tarde, mais uma diferente a qual consiste na apresentação de cenas teatrais, de autoria de associados da seção infantil.

Além dos contos e colaborações diversas dos leitores, serão apresentados, durante o programa, outros trabalhos literários de autoria de escritores nacionais, como parte educativa (Diário Popular, 05/02/1947)

No fim da década de 40, a Hora do Conto passou a ser realizada nas dependências da Seção Infantil semanalmente e, somente uma vez por mês, era irradiada pela Rádio Pelotense até o final de 1950, sobre esse período não foram encontradas informações sobre inovações no conteúdo do programa, já que os jornais locais e o jornalzinho da Bibliotheca somente anunciavam a data de sua realização, com as mesmas atividades: canções, leituras teatrais, concurso literários, entre outros. A partir de 1955, a Hora do Conto, passou a ter um enfoque diferente do inicialmente dado pela professora Gilda. Nesse período, a Seção Infantil estava sob responsabilidade da bibliotecária Celina Hammes, também professora primária. Além de seu trabalho na Biblioteca, a professora Celina era extremamente católica e atuante na Igreja local. Provavelmente, suas convicções religiosas fizeram com que, a partir de 1956, segundo o diário de atividades da bibliotecária²⁰ convidasse o Padre Botton para contar histórias na Hora do Conto, nesse período irradiada pela Rádio Tupancy.

¹⁹ O conteúdo da Hora do Conto foi retirado das entrevistas da professora Gilda e também de comentários inseridos nas notícias vinculadas pelos jornais Diário Popular e A Opinião Pública nos anos de 1946 a 1958.

²⁰ O diário de atividades da bibliotecária Celina Hammes compreende os anos de 1955 até 1960 e encontra-se no Centro de Documentação e Obras Valiosas (CDOV) da Biblioteca Pública Pelotense.

Padre Boton contribuía, segundo o jornal²¹ da SEIV (Mundo Infantil, ano IX, nº 5, março de 1956, p.6) com “As histórias do Tio Quincas” que segundo breve comentário no periódico constavam de “histórias agradáveis envolvendo crianças como nós e simpáticos animaizinhos”. Em 1960 o Pe Boton foi transferido para Bagé e em seu lugar assumiu o Pe Osy, mudando-se o quadro para “Histórias do Tio Zeca”.

Além das histórias, a Hora do Conto continuou a promover concursos literários, de desenho e também alusivos a datas comemorativas. A ata de atividades do Mundo Infantil²² registra em agosto 1960 a realização de um concurso de “Cartinhas aos Pais” com a participação de mais de 50 crianças (não há especificação do número de participantes), sendo vencedora uma freqüentadora da Seção Infantil.

Atividades como a Hora do Conto tinham este caráter: contar histórias com o simples objetivo de despertar nas crianças a criatividade e a imaginação, utilizando-se de recursos para que se sentissem atraídos pela leitura. Ou mesmo, despertar o desejo de procurar a obra. Ou seja, se o principal objetivo da atividade de leitura é dar prazer às crianças, era preciso desenvolver um comportamento leitor, fazendo com que os freqüentadores se tornassem leitores autônomos e buscassem novos livros, pelos simples fato de buscar curiosidades ou aventuras nas histórias contidas nas obras.

Vidal (2004 p.200) aponta a organização, também, da hora do conto nas bibliotecas infantis do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ao propor diversas atividades que giravam sempre em torno da leitura, as bibliotecas infantis proporcionavam aos seus freqüentadores “uma relação mais íntima e pessoal com o livro e o gosto de ler, atividades que tanto promoviam o valor da leitura dos livros de estudo ou didáticos quanto colocavam em destaque a literatura infantil (VIDAL, 2004 p. 209)”.

O caráter diferenciado da Hora do Conto da Bibliotheca Pública está na sua transmissão pelo rádio. Segundo a profa. Gilda a idéia de transmitir o programa pelo rádio veio da época em que fazia “A Hora da Tia Lúcia” e também da possibilidade de fazer com que as histórias chegassem ao interior do município levando a Bibliotheca àqueles que por algum motivo não podiam freqüentá-la.

3.3.3 O jornal Mundo Infantil

²¹ O Mundo Infantil, jornalzinho da Seção Infantil, foi fundado em outubro de 1946.

²² A diretoria do jornalzinho mantinha um caderno com o nome de “Ata de atividades da diretoria do jornal Mundo Infantil” no qual eram registradas as eleições de diretoria, assembléias gerais e atividades em que se envolviam os membros do jornalzinho. Esse documento também encontra-se no CDOV da Biblioteca Pública Pelotense.

Em outubro de 1946 é proposta, pela direção da BPP a fundação do jornal da Infantil. O convite para a fundação foi publicado no jornal A Opinião Pública, a pedido da direção da BPP em 18 de outubro de 1946:

Jornal Infantil

A Secção Infantil da Biblioteca pública Pelotense convida, por nosso intermédio, a todos os seus leitores para uma reunião, amanhã, às 16 horas, no salão nobre da Biblioteca.

Esta reunião tem por fim tratar da fundação do jornalzinho da Secção Infantil e eleição dos membros de sua diretoria.

A reunião elegeu a primeira diretoria e também escolheu um nome para a nova publicação: Mundo Infantil. A posse da diretoria deu-se imediatamente e, em novembro do mesmo ano, saía o primeiro número do jornal, com o editorial de primeira página assinado por seu diretor Clóvis Oliveira (menino de 11 anos) estabelecendo a necessidade e o empenho em prol da realização da imprensa infantil em Pelotas:

(...) a maior parte dos jornaizinhos morre com poucos meses de vida, isso é causado principalmente pelas dificuldades financeiras, por que é sabido o elevado custo da impressão e publicação desse gênero em nosso país. Contudo, não pouparemos esforços, nem sacrifícios para bem desempenhar nossa missão. O nosso lema será:

“- Tudo pelo nosso jornalzinho – “.

(...) nosso jornal se apresenta a um sem número de meninos e pensa estar certo que colaborará para o engrandecimento cada vez maior da imprensa infantil em nossa querida Pátria. (O Mundo Infantil, ano I, nº1, novembro de 1946)

Esse editorial abriu o primeiro número do jornal, que, desde seu início contava com assinantes e também com a venda de exemplares avulsos. O jornal em sua primeira fase (até 1949) era impresso e, posteriormente, passou a ser mimeografado. A publicação do jornal estava a cargo dos membros de sua diretoria, mas, desde seu primeiro número, tinha orientação da bibliotecária que auxiliava as crianças na produção dos exemplares.

O auxílio da bibliotecária era, segundo a professora Gilda Nunes, extremamente necessário, já que o jornal “levava o nome da Biblioteca, por isso deveria ser um bom trabalho²³”. Afora isso, o jornal era constituído pelos membros da diretoria e, também, por seus leitores que enviavam colaborações para a Seção Infantil e as tinham publicadas no periódico. Essas contribuições constavam de jogos, anedotas, curiosidades ou pequenos contos e sempre levavam a assinatura do colaborador.

Durante o período analisado (1946-1958) o jornal seguiu a seguinte estrutura:

3.2.2.1 Notícias da Seção Infantil e da diretoria do jornal

Entrevista IV, em 19/06/2006.

Publicadas geralmente na primeira página do jornal com a assinatura do diretor do jornal essa seção tratava de notícias relacionadas à Seção Infantil tais como realização de festas, eventos realizados pela Bibliotheca Pública, número de colaborações recebidas pelo jornal. Em algumas edições há um texto sobre a importância do jornal e o esforço que deve ser feito para que ele possa ser mantido.

3.2.2.2 Reportagens históricas e/ou biografias de ilustres pelotenses

Textos variados frutos de pesquisa bibliográfica abordando fatos históricos cuja data seria lembrada no mês daquela edição: em setembro, por exemplo, repetidas vezes apareceram textos sobre a Independência, a Revolução Farroupilha.

Personagens importantes para a cidade de Pelotas tiveram sua história contada nas páginas do Mundo Infantil. Entre os que mais apareceram no período analisado encontram-se o escritor João Simões Lopes Neto, o Cel. Pedro Osório e, também, Alexandre Cassiano do Nascimento o “ministro das sete pastas”.

Essa seção ocupava de duas a três páginas do jornal e foi substituída em 1954 pela Seção “Nossa História”.

3.2.2.3 Curiosidades

Enviadas por colaboradores a seção normalmente trazia curiosidades históricas ou locais sob o título “Você sabia que...”, apareceu em todo período analisado também com o título “Pequeno Curioso”.

Você sabia que...

... o homem mais gordo do mundo vive nos Estados Unidos e pesa 300 kilos aproximadamente?

... o Teatro Guarani, de Pelotas é o maior cinema do Rio Grande do Sul e acomoda mais de duas mil pessoas?

... a rainha Isabel da Inglaterra quando morreu tinha mais de três mil vestidos em seu guarda-roupa?

... as primeiras palavras faladas ao telefone foram dirigidas pelo inventor desse aparelho Graham Bell ao seu sócio Watson em 1º de março de 1876?

(Mundo Infantil, ano III, número 1, novembro/1948)

3.2.2.4 Passatempos e anedotas

Seção variada constituída de palavras cruzadas, ligue-pontos, carta enigmática, piadas, adivinhas entre outros.

3.2.2.5 Seção “Nossa História”

A partir de 1954 passou a aparecer em todos os números substituindo a seção de reportagens e biografias. Além dos textos de pesquisa sobre fatos históricos passou a publicar também desenhos e poemas sobre datas importantes enviados por colaboradores.

3.2.2.6 Produção escrita dos colaboradores

Esta parte do jornal publicou a produção escrita de vários colaboradores tais como contos, histórias em quadrinhos e poemas. A partir de 1954 a seção passa a se chamar “Página Literária”.

A Batalha do Riachuelo
Por Walter Sobreiro Jr
Navios Inimigos pela proa
Brada e vigia. E o seu brado ecoa.
Pelo navio. Ouve-se austera.
Voz do comandante. A maruja brasileira.
Hasteia no “Amazonas” a bandeira.
Onde se lê: “O Basil espera que cada um cumpra seu dever”
Mas nossa gente parece esmorecer
E os paraguaios aos poucos vão vencendo.
Então surge entre os nossos um sinal de glória:
“Sustente fogo que é a nossa vitória”.
E a coragem vai renascendo.
Conseguimos vencer os inimigos
Que fogem derrotados.

Mas, ao invés de cantarmos a vitória,
Ficamos a chorar nossos irmãos:
Mortos que agora ficarão
Para sempre na História
(Mundo Infantil, Ano VIII, nº 8, junho/1954)

A “Página literária”, além de poemas como esse do exemplo publicava outros textos. Nota-se a partir de 1954 a preferência por textos mais elaborados, poemas e contos em vários capítulos (um a cada mês). Nesse período produções como histórias em quadrinhos passam a ser publicadas no fim do jornal e na Página Literária somente os gêneros conto e poesias estão presentes.

3.2.2.7 Anúncios Publicitários

O apoio dos estabelecimentos comerciais da cidade ao jornal deu-se primeiramente, através do auxílio na impressão do periódico que depois passou a ser mimeografado na Seção Infantil, ainda assim o Jornalzinho recebia doação de papel, material para pintura, matrizes entre outros de estabelecimentos variados. Essas contribuições eram retribuídas com a propaganda do estabelecimento feita pelas crianças no jornalzinho, como no exemplo abaixo:

Pequenas economias acumuladas desde a infância e depositadas num estabelecimento de crédito duplicam-se periodicamente com os juros capitalizados e formam uma reserva para a velhice.

Banco Nacional do Comércio

Andrade Neves, 551. Pelotas

(Mundo Infantil, ano V, nº3, janeiro de 1951, p.7)

3.2.2.8 Balancete do jornal e da biblioteca

O jornal Mundo Infantil publicava mensalmente um breve balancete da Bibliotheca Pública e da Seção Infantil em sua última página. Esse breve relatório era idêntico ao que os jornais locais publicavam a pedido da BPP.

Bibliotheca Pública – movimento de leitura e registro

1. Durante o mês de junho o movimento de empréstimo e de consulta alcançou de 5941 leitores, tendo uma média diária de 248 leitores, sendo 162 na Secção de adultos e 86 na Secção Infantil.
2. Registraram-se 64 leitores sendo 18 na Secção Infanti.
3. Foram adquiridas 670 publicações, sendo 132 livros, 14 folhetos e 524 periódicos. Dos 132 livros, 23 foram comprados e 109 doados.

(Mundo Infantil, ano I, nº 9, julho de 1947)

3.2.2.9 Esportes

A página esportiva não aparecia em todas as edições do jornal. Alguns fatos, em especial, recebiam maior atenção das crianças: turfe, campeonatos citadinos de futebol e competições esportivas entre escolas locais.

A realização da página esportiva, segundo o jornal, encontrava obstáculos principalmente no fato de que os principais acontecimentos davam-se nos finais de semana. Sobre esse fato, um dos responsáveis pela página presta esclarecimentos:

A cobertura esportiva local realizada por esse jornal encontra grandes empecilhos. A maior parte porque o deslocamento dos repórteres fica prejudicado nos finais de semana, já que todos dependemos da permissão dos pais. Dessa forma, aceitamos colaborações de todos que testemunharem os grandes acontecimentos esportivos locais.

Arthur Oscar Hameister – Diretor esportivo (Mundo Infantil, Ano V, nº6, abril, 1951).

A página esportiva contava igualmente com a participação de colaboradores como o restante do jornal e apresentava, em todas as vezes em que foi vinculada no jornal, desenhos ilustrando as notícias, geralmente imagens de jogadores de futebol. É possível observar nesse editorial a seriedade com que o jornal era tratado por parte dos seus organizadores. Embora a publicação fosse de caráter artesanal e direcionada a crianças o comprometimento com a seriedade da publicação aparece freqüentemente no periódico.

3.2.2.10 Página Juvenil

Além disso, o jornalzinho trazia reportagens sobre acontecimentos relativos à infância pelotense:

Colação de Grau do Jardim da Infância

No dia 1º de dezembro passado realizou-se no salão da Biblioteca a linda festa de formatura do Jardim da Infância da Escola Normal Assis Brasil.

As crianças, trajando a rigor, deram entrada no salão, acompanhadas por sua paraninfa, D. Maria da Glória P. de Sá, ao som do Danúbio Azul.

Todas as crianças receberam cestas de flores, presentes, etc.

O Mundo Infantil, especialmente convidado, fez-se representar por esse repórter.

As esforçadas professoras do Jardim nossos parabéns pelo êxito da festa. (O Mundo Infantil, ano I, número 2, dezembro de 1946)

Ao observar o perfil dos escritores do Mundo Infantil pode-se perceber que a maior parte das crianças tinha entre 10 e 16 anos de idade e interesses dos mais diversos, é possível, ao longo dos exemplares encontram-se textos sobre esportes, aventura, histórias policiais, história do Brasil e, como já mencionado, biografias de cidadãos pelotenses.

A partir de fevereiro de 1947 (Mundo Infantil, ano I, nº4) o jornalzinho passa a contar com uma página juvenil, a pedido dos leitores conforme indica a nota que antecede a primeira história da Página Juvenil:

Dona Gilda:

Talvez a senhorita estranhe eu haver mandado uma história de ação, mas eu explico. É pelo seguinte: não são somente crianças que lêem o Mundo Infantil. Inúmeros meninos da minha idade também o lêem. Ora, nós não gostamos só de histórias de fadas, príncipes, duendes, etc. Nós gostamos de histórias onde haja luta, ação. Por isso não seria nada mal se o Mundo Infantil publicasse histórias desse gênero. Baseado nisso é que eu envio “Uma noite perigosa”, que por sinal não está muito boa.

Desculpe se com isso a massei.

Norberto Leal – 13 anos (Mundo Infantil, ano I, nº4, p.4)

Seguindo esse comentário está publicada a primeira história da Página Juvenil, que publicava, basicamente, contos de detetives e espionagem. A carta do menino Norberto

Leal a D. Gilda pedindo a publicação da história explicita o controle que a bibliotecária exercia sobre o jornalzinho. Embora produzido pelas crianças, como “revisora final²⁴” ao analisar o jornalzinho a bibliotecária poderia excluir reportagens ou colaborações. Nesse sentido, em sua segunda entrevista, a professora Gilda Nunes coloca que poucas foram as vezes, no período em que esteve na Bibliotheca. Uma das vezes, ela recorda, foi quando as crianças (nesse caso os meninos mais velhos, entre 12 e 16 anos que exerciam a função de repórteres) quiseram incluir, em uma reportagem sobre a volta às aulas, uma crítica à situação das bibliotecas das escolas municipais.

Na mesma linha dos periódicos estabelecidos dentro de bibliotecas infantis, o Mundo Infantil apresentava características semelhantes: circulação entre os freqüentadores da biblioteca, envio de exemplares para escolas do município e, também, para outras localidades²⁵ e produção praticamente artesanal dos exemplares.

A diretoria do Mundo Infantil, além dessas atribuições, envolvia-se no planejamento de acontecimentos e atividades direcionadas aos freqüentadores da Seção Infantil tais como festas, exposições, sessões de cinema, apresentações de teatro de marionetes, entre outros.

A ata de atividades da diretoria do Mundo Infantil de 1956 registra, por exemplo, a participação dos membros na organização das festas realizadas por ocasião das datas comemorativas na Seção Infantil. A professora Celina Hammes, nesse período bibliotecária da Infantil, instituiu a realização de festas comemorativas em datas festivas como dia das mães e dos pais, Páscoa, Semana de Monteiro Lobato, aniversário da Seção infantil, Semana da Pátria e do Gaúcho, Natal e, também, nas festas juninas. Para essas ocasiões, a sala era decorada com motivos que lembrassem a festa, eram preparadas apresentações artísticas com as crianças que freqüentavam a Infantil (também no tema da festa) e, no dia, havia distribuição de doces às crianças ou, ainda, de comidas típicas da ocasião.

Segundo as atas de atividades do jornalzinho, além das festas, a diretoria envolvia-se na realização de sessões de cinema e de teatro de marionetes na biblioteca. Conforme já mencionado, as sessões de filme eram realizadas com um equipamento Barlan, adquirido pela Biblioteca Pública e, algumas vezes, tinha o apoio de estabelecimentos comerciais

²⁴ Cargo da diretoria do Mundo Infantil que sempre era ocupado pela bibliotecária da Seção Infantil.

²⁵ O Mundo Infantil de abril de 1956 registra o envio de exemplares do periódico para escolas do município de Rio Grande e também para a capital do estado, Porto Alegre.

da cidade através do empréstimo do filme e, também, da distribuição de doces e pipoca à assistência. Para essas ocasiões, havia a publicação de convites no jornalzinho:

Continuando as comemorações da semana de aniversário da Infantil, sábado, dia 13, haverá uma sessão cinematográfica por gentileza da Mesbla, com farta distribuição de doces e mimos à petizada. Compareça a mais essa atividade da programação de aniversário. (Mundo Infantil, ano IV, nº7, maio de 1950)

O fato de o jornalzinho ter ampla circulação e aceitação pelas crianças fez com que, em 1958, o repórter João Félix Neto do jornal Diário Popular visitasse a redação do Mundo Infantil, no caso a Seção Infantil da BPP. Dessa visita surgiu uma reportagem “Crianças que fazem notícia” no Diário Popular de 25 de abril e, posteriormente, a concessão quinzenal de meia página do jornal ao Mundo Infantil. Assim, a partir de maio de 1958, o jornal Mundo Infantil contaria com um espaço em um jornal de grande circulação na cidade.

O conteúdo publicado no Diário Popular era um pouco diferenciado do conteúdo do jornalzinho. Enquanto o jornalzinho, em média com 20 páginas, era dedicado a assuntos variados e apresentava de um número para outro, diferentes seções conforme as colaborações recebidas; a página infantil do Diário Popular, nos exemplares analisados, apresentava sempre o mesmo formato: havia uma fábula (de autoria de La Fontaine, Monteiro Lobato...), um desenho na parte central, algum passatempo (palavras cruzadas, charadas...), um texto de autoria de um freqüentador da Infantil e, por último, o comentário sobre alguma das obras existentes no acervo da Seção Infantil da BPP.

Figura I: suplemento Mundo Infantil no jornal Diário Popular



O Mundo Infantil pode ser considerado como o principal meio de divulgação de tudo o que era realizado na Sessão Infantil. Nas páginas do periódico produzido pelos

freqüentadores quase que diários²⁶ da Biblioteca pode-se encontrar informações que nos levam a concluir que a principal forma de divulgação desse centro cultural infantil era o seu jornalzinho. A produção dos leitores estava toda ali: textos, poemas, desenhos, pesquisas sobre a história local e do Brasil, palavras cruzadas, curiosidades sobre diversos temas e as *impressões dos autores sobre o mundo que os rodeava*. Nesse sentido, as reportagens do Mundo Infantil abordam temas como nutrição infantil - a necessidade de comer legumes e verduras ocupou bastante espaço no jornal, trazendo debates entre os leitores a favor e contra e, ainda, no número 3 do ano de 1949 uma entrevista com um médico sobre o tema – escolha de uma profissão para o futuro, prática de esportes entre outros, além de comentários sobre livros, filmes, teatro e acontecimentos do mundo infantil pelotense.

Dessa forma, parece-nos possível afirmar que o Mundo Infantil constituiu-se um importante meio de difusão do universo cultural da SIEV entre seus freqüentadores e, também, entre aqueles que não a freqüentavam, mas que tinham acesso ao periódico na escola. Da mesma forma, o jornal constituiu-se um meio de expressão cultural daquele grupo revelando e pondo em discussão temas que lhes eram importantes.

3.5 A Biblioteca: seus livros e seus leitores

A leitura é uma atividade que raramente deixa vestígios materiais que sirvam de fonte para o pesquisador. É relativamente fácil encontrar escritos de quaisquer pessoas, mesmo atualmente, um tempo em que a escrita é mediada pela tecnologia, escrevemos bilhetes, lembretes para nós mesmos e para outras pessoas. A leitura, no entanto não costuma deixar essas marcas.

Marcas de leitura podem ser as mais variadas possíveis, anotações marginais e comentários em diários ou através de cartas são exemplos disso. O fato de a SIEV possuir meios para a expressão da leitura fez com que fosse possível identificar, no decorrer dessa pesquisa, marcas deixadas pelos leitores da Infantil. Esses meios

²⁶ Segundo a Prof^a. Gilda Nunes, muitas crianças freqüentavam a biblioteca todos os dias, no turno inverso ao que estudavam. Entre os membros da diretoria do Mundo Infantil isso era mais freqüente, já que as atividades em que se envolviam extrapolavam a produção do periódico.

eram as fichas de leitura, das quais poucas se mantiveram até os dias de hoje, e o jornal, meio para que vários leitores tenham comentado seus livros.

Além disso, alguns comentários chegaram a mim como folhas perdidas dentro de outros documentos analisados durante a pesquisa. Esse acaso fez com que fosse possível ler cartas, bilhetes e comentários direcionados às bibliotecárias da Seção Infantil e que, pelos mais variados motivos, repousavam entre cadernos de anotações e diários de atividades.

Para analisar o perfil dos leitores da Seção Infantil, optei pelas informações encontradas nessas fontes: fichas de leitura, bilhetes e cartinhas à bibliotecária, entrevistas dadas pelos leitores aos jornais da cidade e comentários sobre as obras no jornalzinho Mundo Infantil.

Justifico essa escolha por pensar que ela me leva ao conhecimento do perfil do leitor da Seção Infantil daquela época, embora tenha buscado vários ex-freqüentadores que possam falar atualmente sobre suas memórias da época da Seção Infantil, acredito que os registros feitos pelas crianças sejam mais fiéis ao meu objetivo.

Nota-se nos registros deixados pelos freqüentadores da Seção Infantil que existiam preferências de leitura claramente definidas conforme sexo e faixa etária dos freqüentadores. Entre as meninas, nota-se a predileção por contos de fadas, tanto nas fichas de leitura quanto nas entrevistas concedidas ao jornal “gosto muito de ler. Os meus livros prediletos são os da “Coleção Azul”, da Condessa de Ségur. Ali existem bons contos de fadas. (Olga Maria Pianalto, 12 anos – Mundo Infantil, ano II, Nº 3)”.

Entre os rapazes, que o jornal Mundo Infantil considera “homens de paz e ação”, o gêneros de ação e suspense são os prediletos:

Gosto muito de biografias. Os meus livros prediletos, porém, são os livros do Tarzan. Posso Dizer que todos os meus colegas gostam do Tarzan. Ele é valente, não tem medo de nada e luta sempre contra os homens maus, contra os bandidos e é amigo dos animais. (Fernando Chapper, 9 anos - Mundo Infantil, ano II, Nº 3)

A sessão “O que gostas de ler?” apareceu no jornal Mundo Infantil durante três anos (1948-1951) e trazia informações como as listadas acima sobre as preferências dos leitores e também que tipo de material eles indicavam como uma boa leitura.

As percepções dos leitores acerca de seus livros prediletos, deixadas através de “pequenos rastros” nas fontes que fizeram parte dessa pesquisa, possibilitam refletir a respeito das preferências dos leitores ao que lhes era oferecido na Seção Infantil, ambiente caracterizado desde o início pela função educacional de formar leitores. Nesse sentido, Chartier (2004, p. 185) coloca que:

Para los educadores, la suerte de la literatura, del libro y de la lectura ha estado siempre ligada a la escuela. La lectura parece ser, sin duda el rasgo fundamental de la escolarización: los saberes escolares son saberes de lo escrito. La familiaridad con los libros de literatura, es a la vez el medio y el fin de la escolarización. Desde hace mucho, las investigaciones han confirmado las intuiciones empíricas: por una parte, los buenos estudiantes amaban la lectura y el gusto por la lectura facilitaba el éxito escolar.

A predileção por obras consideradas clássicos infantis fica clara no que se refere à organização do acervo. Nessas listas publicadas nos jornais locais a biblioteca divulgava a aquisição de obras novas, que ficavam expostas alguns dias antes de serem colocadas nas estantes:

Dentre as mais interessantes histórias para criança, recentemente adquiridas salientam-se as seguintes:

Memórias de Chico Pinoca, A Bruxa Cavallona, O Livro do Velho Mocho, Zé Fagulha e a Quadrilha do Rapa Tudo, Prisioneiro do Nariz de Lata, As Aventuras de Dois Gêmeos, Feiticeiro em Apuros, O Gigante do Castelo Azul, A Desforra do Pilha galinhas, Na Pista do Olho Vivo, Zé Fagulha e o Encantador de Serpentes, Trinca Espinhos e Proezas do Anão Folião, todos de autoria de Gabriel Ferrão.

O Filho do gancho, de Franz Teller; Globi, o amigo das crianças, de Schiele; O Coelho de Asas Vermelhas, de Carolyn S. Bailey; Tarzan e os Homens Leopardo, de Edgar Rice Burroughs; A Pequena Princesa (2 volumes), de Francês Burnett; Enquanto a Vovó conta, de Maria de Castro H. Oswald; Cara de Pau, de Rachel Andresen; O Gigante Petulante, de Olímpia Abreu; A Gata Borralheira, de José S. Neto; Animais Industriais, de Hector Sanchez Payol; O Bosque Azul, de Constantino C. Vigil. (A Opinião Pública, 15/10/1948)

Os frequentadores, porém, pediam modificações no acervo através de sua principal forma de comunicação, o jornal Mundo Infantil, e também através de bilhetinhos deixados para a bibliotecária:

Dona Gilda

Todas as crianças gostam das histórias do senhor Walter Disney e seria muito interessante se fosse possível lê-las aqui na nossa Biblioteca. Há vários contos de fadas muito bem ilustrados e também histórias do Mickey Mouse que todas as crianças adoram. [...].

Atenciosamente,

Lúcia Moreira

Bilhete datado de 16/09/1947

A Bibliotheca voltou a divulgar a aquisição de novos livros no mês de novembro do mesmo ano. Ao final da listagem de livros infantis temos as seguintes obras:

Mamãe Pluto, Mickey em apuros, Os filhos de Dambi, Pinóquio, Camundongo Mickey em busca do ouro, Branca de Neve e os Sete anões e Elefante Bolinha, de Walter Disney
A Opinião Pública, 18/11/1947

Esse fato, isoladamente, não prova que as solicitações dos leitores exerciam, de certa forma, influência na escolha de títulos para o acervo. No entanto, parece ser um indício de que as preferências dos leitores eram levadas em conta e, também, uma constatação da renovação do acervo da Seção Infantil, conforme tabela que segue:

TABELA II: aquisição de livros para Seção Infantil²⁷

<i>Ano de Funcionamento</i>	<i>Nº de livros adquiridos</i>
1946	1060
1947	1780
1948	1090
1949	1563
1950	698
1951	855
1952	550
1953	393
1954	367
1955	389

Fonte: balancetes mensais publicados na imprensa pelotense (A Opinião Pública e Diário Popular)

Para analisar a tabela acima, é preciso levar em conta que o balancete mensal que foi utilizado para o cálculo dos dados publicava o número de títulos novos adquiridos, não levando em conta a quantidade de exemplares de cada obra. Ao publicar a aquisição de novas obras a Bibliotheca Pública divulgava o número de obras compradas pela instituição e o número de obras doadas pela comunidade em

²⁷ Esse cálculo foi realizado a partir do balancete mensal publicado pela direção da BPP levando-se em conta os livros que compunham o acervo da Seção Infantil. O cálculo exclui os últimos anos contemplados por essa pesquisa porque os balancetes deixaram de ser publicados e tampouco foram disponibilizados para consulta os arquivos da Bibliotheca Pública.

geral. Nesse último caso, freqüentemente recebia destaque nos jornais a doação de obras feita por empresários locais.

Os anos iniciais registram um grande número de obras principalmente pelo fato de que o acervo encontrava-se em formação. Após 1952 identifica-se um decréscimo na chegada de novos livros e a manutenção do número de obras adquiridas anualmente, o que indica novas aquisições somente no intuito de manter o acervo original e dar espaço a novas obras.

O compromisso educativo da Seção Infantil estava presente também na política de aquisição e manutenção do acervo já que mesmo os livros doados eram cuidadosamente selecionados e descartados se não estivessem de acordo com a proposta de leitura adotada pelo local.

A Seção Infantil da Bibliotheca Pública tinha o claro propósito de ser mais uma instituição educativa para a comunidade pelotense. Por não se tratar de uma escola, um espaço pedagógico formal, havia a necessidade de atrair e motivar os freqüentadores para que passassem o maior tempo possível na Bibliotheca.

Nesse sentido, as sugestões dos leitores eram levadas em consideração como mais uma forma de fazer com que os freqüentadores se sentissem parte do espaço e responsáveis por ele. A sensação de pertencimento das crianças em relação à Seção Infantil aparece em vários editoriais do jornal, ao referir-se ao espaço usam-se expressões como “nossa biblioteca”, “o canto das crianças”, entre outros. Comentários vinculados pela imprensa local denotam esse compromisso educacional da Seção Infantil em relação à infância pelotense:

A leitura reside confortavelmente na Secção Infantil da Biblioteca Pública de Pelotas. Ali tudo foi cuidadosamente selecionado. A formação espiritual e intelectual das crianças dessa terra, dentro de moldes da moderna pedagogia, constitue num dos passos mais avançados e mais revolucionários para a educação de um mundo futuro, de homens conscientes, sensíveis, e antes de tudo, de homens cem por cento humanos.
Diário Popular, 11 de maio de 1947

Essa idéia de que a leitura exercia uma importante função na educação das crianças norteou grande arte dos trabalhos realizados na Seção Infantil. A leitura individual e silenciosa, o preenchimento de fichas de leitura, a leitura coletiva, a adaptação de histórias para o teatro foram meios de resignificar e tornar atraente para os freqüentadores o universo dos livros.

A leitura na biblioteca era monitorada pela bibliotecária. Ao terminar um livro a criança preenchia uma ficha na qual deveria expor o que mais havia gostado na

história, as características dos personagens e o seu entendimento da obra. Essas fichas, segundo a professora Gilda, tinham o objetivo de verificar quais obras do acervo eram mais apreciadas e também constatar se as crianças alcançavam a compreensão do que liam.

Após o preenchimento, as fichas eram analisadas pela bibliotecária, e, se necessário ocorria uma retomada da leitura com a criança. Essa retomada era realizada no ambiente da Seção Infantil e seu objetivo era aprimorar a capacidade de compreensão leitora dos freqüentadores.

Embora os objetivos das fichas sejam interessantes do ponto de vista da análise das propostas de leitura da Seção Infantil Erico Verissimo da BPP, o vestígio deixado pelos leitores é o que merecerá maior atenção nessa análise.

Como já dito, a leitura é, reconhecidamente, uma atividade que deixa poucos vestígios no sentido de constituir-se como fonte de investigação material. Logo, a possibilidade de analisar impressões do leitor sobre o livro que leu é extremamente enriquecedor para a pesquisa. No estudo já clássico de Ginzburg (2006) a oportunidade de verificar as impressões da leitura de Menocchio levou o autor a um trabalho riquíssimo de análise das práticas desse leitor.

De forma semelhante, o encontro das fichas de leitura possibilitou para essa pesquisa apreender mais fielmente o perfil dos leitores da Seção infantil. Para melhor compreensão do material analisado, segue o exemplo de uma dessas fichas:

Seção Infantil da Bibliotheca Pública Pelotense

Nome do leitor: Ricardo Guruitz

Idade: 11 anos

Nome do Livro: O balãozinho castigado

Autor: Leonor Posada

Data do início da leitura: 23/06/58

Data de término da leitura: 27/06/58

O que achou do livro: ótimo, uma boa lição para os orgulhosos.

É realidade ou ficção? ficção

Prosa ou verso? Prosa

Qual o personagem que mais o impressionou? O Foguete

Porquê? Porque foi ele que quebrou o orgulho do balãozinho, queimando-o.

Conte com suas palavras o que você leu:

Era véspera de São João na casa de Dona Mariquinhas ia haver uma grande festa. Num canto das salas os foguetes conversavam. Diziam que iam ser os mais bonitos da Festa de São João, e estavam loucos que chegasse a hora para fazer as piruetas. O mais orgulhoso era o bala, que queria ser sempre mais bonito que os outros. Porém, quando estava no ar, um foguete queimou-o fazendo com que incendiasse.

Esse exemplo de ficha de leitura traz uma idéia clara dos elementos que podemos retirar para análise desse material. Primeiramente o que chama bastante atenção é o fato de que, embora não represente a totalidade das fichas preenchidas pelos freqüentadores, o material encontrado reflete de certa forma, o perfil dos freqüentadores da Seção Infantil.

Dentre o material encontrado, de um total de 28 fichas, 16 são de leitores do sexo masculino e 12 são de leitores do sexo feminino. Entre os meninos, o gênero literário preferido são os livros de aventura e, entre as meninas, contos de fadas e poesia. A quase totalidade dos leitores (21 fichas) aponta como importante em sua leitura alguma lição de moral que o livro ensine esse comentário também pode estar ligado ao forte apelo educativo do acervo de literatura infantil disponível na Biblioteca.

Algumas fichas de leitura encontradas, embora escritas a lápis e desgastadas pelo tempo, apresentam marcas de terem sido apagadas e reescritas algumas vezes. Essas marcas provavelmente correspondem a correções e orientações dadas pela bibliotecária sobre o correto preenchimento da ficha.

O espaço reservado ao resumo do livro era de 10 linhas numa ficha que media 12 X20 cm confeccionada em papel cartão. É interessante como no material encontrado existe uma ocupação total do espaço destinado ao resumo, inclusive no caso de livros de poemas.

As fichas de leitura tiveram papel importante, pois podem ser entendidas tanto como um mecanismo de controle sobre a leitura dos freqüentadores, como também um mecanismo de apoio às pessoas que organizavam as diversas atividades desenvolvidas no espaço infantil da Biblioteca Pública Pelotense. No entanto, parece-nos possível afirmar que o aspecto mais importante das fichas de leitura é constituírem vestígios que possibilitam à pesquisa em História da Educação a apreensão do perfil dos leitores que circularam por aquele espaço entre a primeira e a segunda metade do século XX.

3.6 O fim da Seção Infantil Erico Verissimo

A Seção Infantil Erico Verissimo da Biblioteca Pública Pelotense foi desativada no ano de 2003 pela direção da casa. O espaço, que até aquele momento encontrava-se da mesma forma como foi descrito nesse texto, deu lugar a uma seção de material didático.

Os materiais que serviram de fonte para essa pesquisa encontravam-se em vários setores da BPP e foram reunidos para que o trabalho tivesse continuidade. Esse acervo, agora, encontra-se organizado no Centro de Documentação e Obras Valiosas

(CDOV) da BPP. Parte dos livros que compunham o acervo literário da Seção Infantil também estão no mesmo lugar.

O mobiliário da Seção Infantil, que na época de sua fundação recebeu imensa atenção por parte de sua fundadora, foi reaproveitado em outros espaços. As mesas e cadeiras, por exemplo, que eram mais baixas para atender às necessidades das crianças, foram reformadas e hoje servem aos pesquisadores no CDOV.

O novo espaço que ocupa a sala da SIEV conta com um acervo de livros didáticos que servem para pesquisa dos estudantes. A BPP não possui no momento um espaço destinado especificamente às crianças e, até o momento em que foi encerrada essa pesquisa, a restauração da Seção Infantil não constava nos projetos de reforma da Bibliotheca Publica.

Conclusão

No início desse trabalho minha proposta era mostrar que a Seção Infantil Erico Verissimo da Bibliotheca Pública Pelotense desempenhou, durante o período analisado, um importante papel no cenário educacional de Pelotas.

A cidade de Pelotas contava com uma biblioteca desde o ano de 1875 sem que essa instituição tivesse um espaço específico para atender ao público infantil. A reforma no ensino público municipal, realizada durante o governo do intendente Augusto Simões Lopes, na década de 20 do século passado, possibilitou que alguns grupos escolares contassem com uma biblioteca organizada para os alunos. Apesar dessa iniciativa, em 1945 quando começou a ser estruturada a Seção Infantil, as únicas escolas que realmente contavam com a biblioteca escolar eram o Grupo Escolar Félix da Cunha e o Grupo Escolar Joaquim Assumpção. Por esse motivo, uma das propostas norteadoras da instalação da Seção Infantil foi atender aos estudantes pelotenses.

Nesse sentido, desde a sua fundação a Seção Infantil tinha como proposta trabalhar em conjunto com as escolas. No discurso realizado na inauguração a fundadora Gilda Nunes Pinto afirmava que a Biblioteca desejava “trabalhar em cooperação com os professores, pois uma das finalidades Biblioteca Infantil é completar a obra da Escola (A Opinião Pública, 14/05/1946)”.

A Seção Infantil foi projetada, desde o início de sua estruturação, para que se configurasse como um espaço moderno que atenderia, sob as diretrizes da moderna pedagogia, as crianças da cidade. Para isso, a Seção Infantil contou, antes de sua fundação, com ampla divulgação na imprensa local e na Rádio Pelotense. A Rádio Pelotense se configuraria mais tarde como um importante mecanismo de apoio às atividades realizadas na Seção Infantil, transmitindo a Hora do Conto para todo o município e fazendo com que parte da Bibliotheca chegasse às mais distantes localidades da cidade e do interior.

Outro aspecto importante é o fato de que a Seção Infantil desde o seu início

buscou freqüentadores para o seu espaço. Como já mencionado, não era necessário ser sócio da Bibliotheca para que se pudesse freqüentá-lo. Qualquer criança poderia participar das atividades oferecidas pela Seção Infantil, no entanto, somente os sócios poderiam levar livros para casa.

Observando os diários de atividades das bibliotecárias é possível notar que havia crianças que estavam na biblioteca praticamente todas as tardes da semana. Isso era possível pela variedade de atividades disponibilizadas no espaço: teatro, cinema, pintura, recorte, colagem, jogos pedagógicos, hora do conto, produção do jornal além, é claro, da leitura.

A direção dessas atividades cabia à bibliotecária da Seção Infantil e também aos freqüentadores do espaço que ajudavam em várias tarefas de organização. A Seção Infantil, ao final dos 12 anos de atividades analisadas por esse trabalho estava presente, dessa forma, no cotidiano de inúmeras crianças, já que a média de freqüentadores diários no período analisado não foi inferior a 56²⁸ crianças.

A simples presença de crianças diariamente na Bibliotheca não comprova o papel educacional da Seção Infantil ao longo desse período. Para isso é necessário analisar o espaço que as atividades consideradas educativas tinham na Seção Infantil.

Atividades como o jornal Mundo Infantil traziam a escrita para o interior da biblioteca, lugar destinado prioritariamente à leitura. No que se refere à escrita podemos citar ainda o preenchimento das fichas de leitura que tinham como objetivo verificar a compreensão leitora dos pequenos e, se necessário, auxiliá-los para um melhor desenvolvimento da leitura das obras.

A Seção Infantil possibilitou, ainda, a expressão dos seus freqüentadores através de atividades como teatro e Hora do Conto. As apresentações teatrais fizeram parte da programação da Seção Infantil principalmente nas comemorações de datas como dia da criança, Natal, Páscoa, entre outros. A Hora do Conto, no entanto, ocorreu durante todo o período analisado e, além da participação como ouvintes das histórias, os freqüentadores da SIEV tomavam parte nos concursos literários e de perguntas e respostas que faziam parte da programação.

²⁸ Cálculo realizado de acordo com o número de freqüentadores mensal, publicado pelos jornais A Opinião Pública e Diário Popular, levando-se em conta que a BPP funcionava de segunda a sábado.

A intenção de que a Seção Infantil disponibilizasse às crianças pelotenses o que havia de mais moderno na época no que se refere à biblioteca infantil, aparece desde a sua estruturação. O mobiliário, por exemplo, era projetado de forma que possibilitasse um posicionamento adequado do corpo no momento da leitura. A iluminação do espaço foi completamente remodelada para proporcionar aos pequenos leitores a quantidade e intensidade correta de luz durante as atividades.

No que se refere, ainda, à organização da SIEV cabe destacar que a aquisição de obras para o acervo fez-se através das recomendações dos inquéritos sobre literatura infantil realizados no Rio de Janeiro e em São Paulo. Esse fato se deve, em parte, às discussões sobre o que era chamado de “má-literatura” na imprensa local. De acordo com pedagogos da época era obrigação de pais e professores estar atentos para a leitura das crianças, já que “os danos morais causados pelas leituras inadequadas poderiam ser irreversíveis (Diário Popular, 15 /06/1946)”.

Finalmente, é necessário salientar a importância da Seção Infantil pelo seu pioneirismo. Pelotas contou a partir de 1946 com a primeira biblioteca infantil do Rio Grande do Sul. Essa iniciativa aconteceu num período em que a cidade buscava retomar o desenvolvimento econômico e, ao que parece investir na formação da infância significava também investir na prosperidade futura. Esse investimento, segundo análise do material vinculado pela imprensa local, se daria prioritariamente pela educação e, assim sendo, a Seção Infantil foi pensada para desempenhar um importante papel na formação dos pequenos cidadãos pelotenses.

Dessa forma, levando em conta todos os aspectos levantados, é possível afirmar que a Seção Infantil Erico Verissimo se constituiu um espaço importante no cenário educacional pelotense. Essa iniciativa trouxe para a cidade o que havia de mais moderno na organização de atividades de leitura para crianças em idade escolar, proporcionando aos freqüentadores uma série de atividades que davam continuidade àquelas desenvolvidas nas escolas locais no sentido de proporcionar uma educação completa e de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativa e pesquisa autobiográfica. In **Revista História da Educação** da ASPHE (Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação) n.14 p. 79- 96. Pelotas: ASPHE – Semestral, setembro, 2003.

ANDREOTTI, Azilde L. **A educação escolar como projeto de ascensão social e progresso do país nos anos de 30 e 40 através do jornal A Voz da Infância da Biblioteca Infantil de São Paulo**. Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação, Curitiba, 2004.

ANDREOTTI, Azilde L. **A formação de uma geração: a educação para promoção social e o progresso do país no jornal “A Voz da Infância” da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo (1936-1950)**. 2004. Tese. (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

ARAÚJO, Marta Maria de. A educação tradicional e a educação nova no Manifesto dos pioneiros (1932) In XAVIER, Maria do Carmo (org). **Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p 131-146.

AZEVEDO, Fernando de. **A Educação e seus problemas**. São Paulo: Melhoramentos, 1953, 262p.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939 – 1942) : o novo e o nacional em revista**. Pelotas: Seiva, 2005.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

CARDOSO, Aliana Anghinoni & PERES, Eliane. A criação da Seção Pelotense da Associação Brasileira de Educação (ABE) e suas primeiras ações no campo educacional. In **Revista História da Educação** da ASPHE (Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação) v.9 n.17 p. 51- 68. Pelotas: ASPHE – Semestral, abril, 2005a.

CARDOSO, Aliana Anghinoni ; PERES, Eliane . A expressão da modernidade pedagógica em Pelotas:a criação do Grupo Escolar Joaquim Assumpção. **Cadernos de História da Educação** da Universidade Federal de Uberlândia, n. 3, p. 97-108, jan/dez 2004. Uberlândia-MG ,2005b.

CARDOSO, Aliana Anghinoni & PERES, Eliane. **A renovação educacional em Pelotas nas décadas de 1920 e 1930: as instituições complementares da escola**. Anais do XI Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da

Educação: História da Educação na Formação do Educador e A Contribuição dos 10 anos da ASPHE, São Leopoldo, 2005, CD-ROM dos trabalhos

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde Nacional e Fôrma Cívica**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, CDAPH, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública in LOPES, Eliane Marta Teixeira. FARIA FILHO, Luciano Mendes de e VEIGA, Cynthia Greive (orgs) **500 anos de Educação no Brasil**. 3 ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2003 p.225-251.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: editora UNESP, 1999, 159p.

CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRAD, Jean. **Discursos sobre a leitura**. São Paulo: Ática, 1995.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Editora da UFPel: co-edição: Livraria Mundial, 1993. 312p.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 2ed, Rio de Janeiro, DP&A, 2001,411p.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena de. **A educação durante o governo de Augusto Simões Lopes (1924-1928)**. 2005, Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

PERES, Eliane T. ***Aprendendo formas de pensar, de sentir e de agir, a escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares da escola pública primária gaúcha (1909-1959)***, 2000, Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

PERES, O ensino da Linguagem na Escola Pública Gaúcha no período da Renovação Pedagógica (1930-1950) *In* PERES, Eliane e TAMBARA, Elomar (orgs). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX e XX)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2003, p 75-93.

PERES, Eliane. **“Templo de Luz”: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)**. 1995, Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

PESAVENTO, Sandra Jatahy - **A economia & o poder nos anos 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República Velha Gaúcha- Charqueadas-Frigoríficos-Criadores**. Porto Alegre: Movimento, 1980a.

PIMENTA, Jussara Santos. **“Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem”**. **Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)**. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos gerais de Pelotas**. Porto Alegre: Typographia Gundlach, 1940.

PINHEIRO, Ana Regina. **A imprensa escolar e o estudo das práticas pedagógicas: o jornal Nosso Esforço e o contexto escolar do curso primário do Instituto de Educação (1936-39)**. 2000 Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento de Educação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

SILVA, Daiani Santos da e AMARAL, Giana Lange do. **Escola Complementar de Pelotas: a história contada através da memória**. Anais do XII Encontro Sul-rio-grandense de Pesquisadores em História da Educação: História, infância e educação, Santa Maria, 2006, CD-ROM dos trabalhos

TAMBARA, Elomar. Textos de leitura nas escolas de ensino elementar no século XIX no Brasil *In* PERES, Eliane e TAMBARA, Elomar (orgs). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX e XX)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2003 p 95-116.

TAMBARA, Elomar. Trajetórias e Natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. *In* **Revista História da Educação** da ASPHE (Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação) n.11 p. 25- 51. Pelotas: ASPHE – Semestral, abril, 2002.

UEDA, Vanda. **Inovação tecnológica e espaço urbano: A implantação da CTMR em Pelotas/ RS**. Florianópolis: UFSC. Dissertação de mestrado, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves. Bibliotecas Escolares: experiências escolanovistas nos anos de 1920-1930. *In*: MENEZES, Maria Cristina. **Educação, memória, história: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p 179-211.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira. FARIA FILHO, Luciano Mendes. VEIGA, Cynthia Greive (orgs). **500 anos de Educação no Brasil**. 3ª ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2003 p.497-517.

VIDAL, Diana Gonçalves. Livros por toda a parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. *In*: ABREU, Márcia (org). **Leitura, História e História da Leitura**. São Paulo: Fapesp, 1999 p 335-355.

VIDAL, Diana Gonçalves. Práticas de leitura na escola brasileira dos anos de 1920 e 1930. *In* FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org) **Modos de ler/formas de escrever: estudos da história da leitura e da escrita no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001 p.87-116.

XAVIER, Libânia Nacif. **Para além do campo educacional: um estudo sobre o manifesto dos pioneiros da educação nova (1932)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002, 111p.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.